



# SUPLEMENTO

## A modernidade perene de Cataguases

Número organizado por Ronaldo Werneck

Belo Horizonte, Novembro/2013  
EDIÇÃO ESPECIAL  
Secretaria de Estado de Cultura



As fandeiras – mural de Portinari

# Cataguas ARTE

MODERNA A TODA PROVA

“**O**uro Preto é o barroco. Cataguases, o moderno. Cataguases é a cidade-síntese do século XX em Minas Gerais por sua persistência na construção da modernidade” – disse um dia Angelo Oswaldo, ex-prefeito de Ouro Preto e atual presidente do Ibram – Instituto Brasileiro de Museus. De fato, Cataguases é um museu vivo em plena Zona da Mata de Minas, talvez o único em todo o interior do país – com arrojadas construções de extração modernista e um precioso rol de esculturas e painéis a céu aberto. Oscar Niemeyer, Francisco Bologna, Aldary Toledo, MMM Roberto, Edgard Guimarães do Vale, Portinari, Amilcar de Castro, Djanira, Emeric Marcier, Bruno Giorgi, Anísio Medeiros, Paulo Werneck, Jan Zack, José Pedrosa, além de jardins de Burle Marx. E, em vários de seus interiores, obras de Carlos Leão, Tenreiro, Santa Rosa, Lurçat e muitos outros.

Sim, Minas está aqui. Mas uma Minas que extrapola a mera mineiridade da tradição e que tem o novo como escopo. Em Cataguases, o ideário modernista se concretizou como nunca. Mário e Oswald de Andrade, luminares do movimento, chegaram mesmo a homenagear juntos, assinando “Marioswald”, os poetas da Revista Verde – publicação que congregou os modernos de todo o país –, editada na cidade nos anos 1920: “Tarsila não pinta mais/ Com verde Paris/ Pinta com Verde/ Cataguases/ Os Andrades/ Não escrevem mais/ Com terra roxa/ NÃO!/ Escrevem/ Com tinta Verde/ Cataguases”.

As muitas Cataguases encontram-se nesta edição especial do *Suplemento Literário de Minas Gerais* sobre a cidade que viu Humberto Mauro realizar seus primeiros filmes e os rapazes da Verde – Ascânio Lopes, Rosário Fusco, Guilhermino Cesar, Francisco Inácio Peixoto, Enrique de Resende – se lançarem na aventura modernista, que teria de certa forma continuidade com a Revista Meia Pataca (anos 1940) e com o Grupo Totem (anos 1960–70). “Febre” que hoje continua com seus novos escritores e poetas (já se disse que “Cataguases é a cidade com maior número de poetas por metro quadrado em todo o mundo”). E ainda nas águas de Humberto Mauro – melhor, nas “cachoeiras”, como ele definia o cinema –, Cataguases transforma-se agora em Polo do Audiovisual, “cidade-set”, já com várias produções cinematográficas prontas e em curso.

Traz ainda esta edição poemas inéditos de Guimarães Rosa – dedicados ao poeta cataguense Francisco Marcelo Cabral – e crônicas do adolescente Chico Buarque, pela primeira vez impressas, quando ele era estudante interno no Colégio Cataguases, projetado por Niemeyer – “a casa de Oscar” como Chico diria mais tarde.

**Fotos** Ronaldo Werneck

**Fotos adicionais** Acervos de Joaquim Branco, José Baião, José Luiz Fernandes, Rosário François Fusco

**Ilustrações** Dounê

**As matérias não assinadas são de autoria do organizador deste Especial.**

RONALDO WERNECK

LUIZ RUFFATO

# UMA CIDADE DE escritores

**H**á uma cidade na região da Zona da Mata de Minas chamada Cataguases, com cerca de 70 mil habitantes, que nos desconcerta pela quantidade de escritores que produz. Fundada em 1877, já possuía em 1908 energia elétrica e fábricas de tecido, base, até hoje, da economia local. No fim da década de 1920, um grupo de adolescentes, capitaneado por um engenheiro mais velho, poeta parnasiano e pai de família contaminado por ideias extravagantes, chamado Henrique de Resende (depois, ele abandonaria o “h” e o “de”), inventou de fundar uma revista modernista, a Verde. Paralelamente, por um desses estranhos desígnios, na mesma cidade, mas independentemente, um eletricitista e jogador de futebol, Humberto Mauro, dava os primeiros passos para a criação do cinema brasileiro.

Em 1927, “Verde” era a única revista de divulgação do novo ideário em circulação no país, o que carrou para suas páginas textos dos mais importantes escritores modernistas em ação naquele momento. Se Mário de Andrade e Alcântara Machado a recomendavam com entusiasmo aos colegas espalhados pelo Brasil, Oswald de Andrade levou sua admiração ao extremo: tomou um trem e desceu, pantagruélico, na estação da cidadezinha acaanhada só para conhecer os meninos mal saídos dos cueiros. No correio, chegavam pacotes e pacotes de livros, revistas e jornais, inclusive do exterior, consumidos com avidez pelo grupo. Cataguases, de uma hora para outra, ganhava espaço entre a intelectualidade brasileira.

Dos que assinaram o Manifesto Verde, um precioso documento de ingênua rebeldia que acompanhou o terceiro número da revista, alguns inscreveram seus nomes em definitivo na história da literatura nacional: o poeta

Ascânio Lopes, morto ainda muito jovem; o contista Camilo Soares, que ainda aguarda que alguém lhe reúna a obra dispersa; o poeta, romancista, historiador e crítico literário Guilhermino Cesar (que a partir da década de 1930 adotou o Rio Grande do Sul como pátria); o romancista Rosário Fusco, autor dos cultuados “O Agressor” e “Carta à Noiva”; e o contista Francisco Inácio Peixoto, filho de industriais, ele mesmo um industrial, responsável pela introdução da arquitetura modernista que marca e diferencia Cataguases como patrimônio cultural brasileiro — onde Oscar Niemeyer e discípulos desenharam uma espécie de rascunho do que seria mais tarde Brasília.

De lá para cá, a cidade tem se esmerado em manter a tradição literária. No fim da década de 1930, o solitário Henrique Silveira publicou seus textos em jornais locais — seu livro, *Poemas desta guerra*, só seria editado na década de 1970. No fim da década de 1940, acompanhando a tendência de reação aos excessos do modernismo, Cataguases viu nascer a revista “Meia-Pataca”, revelando os poetas Francisco Marcelo Cabral e Lina Tâmega, que iriam desenvolver suas carreiras no Rio, o primeiro, em Brasília, a segunda. Pouco depois, surgem duas poetas, de igual sensibilidade e importância no cenário nacional: as irmãs Celina Ferreira e Maria do Carmo Ferreira.

Na década de 1960, inicialmente influenciados pelo movimento concretista, os irmãos Branco (Joaquim, Aquiles e P. J. Ribeiro) e Ronaldo Werneck fundam um suplemento literário, SDL, mais tarde desdobrado no jornal Totem, que se tornou um dos mais importantes órgãos de divulgação da poesia de vanguarda brasileira, ampliando seus interesses para além do concretismo. Ao longo de toda década de 1970, por suas páginas de diagramação vertiginosa desfilaram autores brasileiros e estrangeiros comprometidos com as mais radicais

tendências da experimentação da linguagem poética, como o poema-processo, e do suporte material, como a arte-postal. Do núcleo inicial, além dos já citados poetas Joaquim Branco, Aquiles Branco e Ronaldo Werneck e o contista P. J. Ribeiro, sobressaíram a poeta e ficcionista Marcia Carrano e o poeta Fernando Abritta.

Cataguases sempre espelhou os movimentos que ocorriam em nível nacional: modernismo, neoparnasianismo, vanguarda. Na década de 1970, ao lado da experimentação formal do grupo ligado ao “Totem”, apareceram os poetas marginais com seus jornais mimeografados, com destaque para dois títulos principais, Lodo e Nexo, que serviram de laboratório para a geração seguinte, curiosamente dedicada, em contraposição às anteriores, mais à prosa de ficção que à poesia.

Assim, temos os romancistas Fernando Cesário (*Os olhos vesgos de Maquiavel*) e Marcos Vinicius Ferreira de Oliveira (*E Se Estivesse Escuro?*), os contistas Ronaldo Cagiano (*O Sol nas Feridas*) e Eltania André (*Manhãs Adiadas*), e o mais conhecido de todos, Marcos Bagno, que, além de ser uma das maiores autoridades em linguística do Brasil — seu *Preconceito linguístico* alcança a inacreditável marca de 55 edições em pouco mais de dez anos — e consagrado autor de livros infantis e juvenis, é também poeta, contista e romancista — seu livro *As memórias de Eugênia* foi finalista do Prêmio São Paulo de Literatura, na categoria estreante. Cabe aqui lembrar ainda os nomes de José Santos e Tadeu Costa, que se dedicam à literatura infantil e juvenil, e do poeta Marcelo Benini.

LUIZ RUFFATO

autor de *Eles Eram Muitos Cavalos*, *Estive em Lisboa e Lembrei de Você* e do projeto *Inferno Provisório*, nasceu em Cataguases e mora em São Paulo. Foi traduzido na Itália, França, Portugal, Argentina, Colômbia, México e Alemanha.

# CATAGUASES (ES)CULTURAL

*Pacificusne est ingressus tuus?  
Revertere ad me, suscipiam te.*

(Versos da Eneida de Virgílio inscritos no pórtico da Ponte Velha de Cataguases)

*NADA, Cataguases,  
nem a tua indiferença ou desprezo  
pelos teus poetas e teus loucos, únicos  
que te conferem a glória de não seres  
como outra qualquer um simples mercado  
mas uma cidade, oh sim, uma cidade*

*NADA ME FAZ  
lembrar um porto de diamantes*

*TE AMAR  
berço, seio, colo, braço, calor e umidade  
é um ato simples*

*AMAR MENOS  
é morrer  
como o rio sendo freado pela areia*

*MENOS  
que nada  
é o pó do poema  
que aqui sobrenada*

Francisco Marcelo Cabral – Inexílio, 1978

– e fez-se Cataguases e se foi  
só sobrenadando em sua alvorada.  
e mais nada pensou-se em mais nada  
só e tão só na cidade só amada.

Ronaldo Werneck – 2000

**N**o início era a imagem que do verbo se fazia. Nos anos 20, o cinema surgia mudo na tela do Cine-Theatro Recreio: fronteira-limite do mundo-Cataguases. A língua era projeção, cenas que surgiam e se apagavam, e se fixavam na retina – encadementos, gramática visual, linguagem. Moderno e ousado, o verbo veio depois, registro e re/criação do cotidiano. No início, era a imagem muito particular construída por Humberto Mauro. Logo após, a palavra em movimento, a evolução literária e também muito pessoal de Rosário Fusco, de Guilhermino Cesar, de Ascânio Lopes, de Francisco Inácio Peixoto, de Enrique de Resende, daqueles “desatinados” rapazes da Revista Verde.

A imagem, o verbo – verbimagem que seriam mixados logo à frente, quando o cinema se fazia falado e se fazia falar, fixando-se no inconsciente coletivo do século 20. O verbo e a imagem: a língua e o cinema registram o fato e o sonho, a crônica e a ficção em movimento – nem sempre sincrônicas, nem sempre em sintonia –, construindo, antecedendo, e às vezes até mesmo ultrapassando o futuro-passado. O cineasta Stanley Kubrick diria melhor: “2001” é ontem. Ou não?

Conhecida como “terra de Humberto Mauro”, Cataguases acostumou-se a conviver com o cinema nos anos 20, quando havia na cidade a Phebo Brasil Filmes, empresa que produziu os primeiros filmes do cineasta. Na verdade, Humberto Mauro nasceu mesmo em Volta Grande, também na Zona da Mata Mineira, mas morou em Cataguases desde a adolescência até o final dos anos 20 e foi ali que dirigiu seus quatro primeiros longas-metragens. Mas ele, no fundo, é mesmo de Cataguases. Aliás, todo mundo é de Cataguases. Inclusive quem não é. Como já disse um poeta “nativo”: *terra de/ ascânio lopes enrique de resende/ guilhermino cesar humberto mauro/ patápio silva rosário fusco/ gente boa/ impropria/ mente/ nenhum deles/ al di là delle stelle/ nenhum/ de lá é/ pois/ ninguém/ de cataguases/ vem/ ou quase*”.

## MODERNA QUE NEM ELA

Antenada na modernidade. Tratando-se de Cataguases, não é apenas uma expressão a mais. Desde os anos 1940, a cidade passou a “respirar o moderno” por todas as suas ruas. Prédios, esculturas, monumentos – tudo, quase tudo hoje tombado nessa cidade que é um monumento vivo do modernismo no interior do país.

Aquela casa “esquisita”? Ali morou aquele “poeta moderno”. Francisco Inácio Peixoto, um dos fundadores da Revista Verde, a principal vertente do movimento modernista de 22 no interior de Minas, com conexões em todo o Brasil e até mesmo no exterior. O mesmo Chico Peixoto que, em 1940, vai chamar Oscar Niemeyer para projetar sua casa – a primeira de fatura moderna na cidade e uma das obras iniciais do jovem arquiteto.

Nela, jardins de Burle Marx, escultura de Jan Zach e de José Pedrosa. E, em seu interior, mobiliado por Joaquim Tenreiro, telas de vários expoentes do modernismo, daqui e do exterior. Niemeyer seria “convocado” também, em 1947, para projetar o moderníssimo prédio do Colégio Cataguases, referência do ensino secundário no Brasil dos anos 50.

## A LUZ, A LÍNGUA, O CINEMA

Cataguases é modernista por (e)vocação. É literatura (moderna) e cinema (moderno) desde os primeiros tempos do século 20. O Rio de Janeiro está a menos de quatro horas de automóvel. Belo Horizonte, um pouco mais: quatro horas e meia, se tanto. Juiz de Fora, pertinho: menos de duas horas. Conectada aos grandes centros, a cidade pulsa antenada na modernidade: várias indústrias de bom tamanho, principalmente de tecidos, e uma centenária Companhia Força e Luz Cataguazes-Leopoldina (hoje, Energisa), suprindo de energia Cataguases e quase toda a Zona da Mata de Minas Gerais, inclusive outras cidades, do Estado do Rio e do Nordeste.

A luz, a língua, o cinema: motores do Cineport, o Festival de Cinema de Países de Língua Portuguesa – promovido pela Fundação Ormeo Junqueira Botelho – que movimentou as ruas de Cataguases e da Zona da Mata em sua primeira edição ocorrida em junho de 2005, e também em todas as oito nações que formam a CPLP-Comunidade dos Países de Língua Portuguesa: Angola, Brasil, Cabo Verde, Guiné-Bissau, Moçambique, Portugal, São Tomé e Príncipe e Timor Leste.

Hoje já em sua quinta edição, sendo atualmente realizado em João Pessoa, na Paraíba – após passar pela cidade de Lagos, em Portugal – o Cineport, significou uma pequena, mas fortíssima, revolução em Cataguases – e em toda a Zona da Mata de Minas Gerais. Moderna e ousada e, por que não?, petulante mesmo volta a ser a cidade agora, quando se transforma – impulsionada pelo bater inicial das claquetes do Cineport – em cidade-locação, set de filmagens de várias produções recentes, como *Meu Pé de Laranja Lima*, *Exilados do Vulcão*, *O Menino no Espelho* e de outros filmes já programados, como *Estive em Lisboa e lembrei de você*.

Tudo a ver. Polo-industrial, cidade antenada com o novo, Cataguases apostou no sucesso da primeira edição do Cineport como uma retomada histórica. Cinema e língua portuguesa, como nos tempos da Phebo e da Verde, acrescidos de um olhar para o futuro, um primeiro e promissor diálogo com as nações que compartilham o mesmo idioma, mas que possuem culturas tão diversificadas.



## POLO AUDIOVISUAL

Recentemente, foi criado o Polo Audiovisual, fruto de uma iniciativa da Fundação Ormeo e do Instituto Cidade de Cataguases. Focada no histórico Ciclo de Cinema de Cataguases, a Fundação houve por bem eleger a atividade cinematográfica como um dos pilares de seu programa de desenvolvimento e economia criativa. Tudo começou há pouco mais de dez anos, com a inauguração do Centro Cultural Humberto Mauro e também do Memorial dedicado ao cineasta, além da solidificação de uma parceria, que vem até hoje, com a Fábrica do Futuro – Incubadora Cultural do Audiovisual e Novas Tecnologias. Em 2008, na sequência do Cineport, chega a vez do Festival Ver e Fazer Filmes, com duas edições realizadas – uma abertura de novos horizontes para as habilidades dos jovens interessados no audiovisual.

Retoma agora o Polo Audiovisual uma histórica vocação cinematográfica, que vem desde os primórdios de Humberto Mauro e do pioneirismo da Phebo Brasil Filme. Ao longo do século 20, e pós-Mauro, Cataguases só veria filmagens em suas ruas quando, nos anos 1960, Paulo Martins dirigiu o longa-metragem *O Anunciador*, *O Homem das Tormentas*, produzido pelo poeta Francisco Marcelo Cabral com atores e técnicos cataguasenses: a cidade-set, em tempo de cinema. Na mesma década, dois outros filmes tiveram locações em Cataguases e região: *O*



*Desconhecido*, de Ruy Santos, produzido pelo industrial Simão Silva; e *A Noiva da Cidade*, de Alex Viany, a partir de um argumento de Humberto Mauro. No final do século passado, Paulo Cezar Saraceni roda *O Viajante*, com várias sequências tomadas em Cataguases e arredores.

## PARA PRINCIPIANTES E INICIADOS

Um rio, uma ponte, uma praça, uma igreja. Algumas ruas e casas distribuídas num quadrilátero central e quase perfeito. Seis mil habitantes, se tanto. Assim era a Cataguases do início do século XX, pouco depois de sua transformação em município (1877). Uma cidade igual às outras, uma entre tantas outras pequenas cidades do interior de Minas.

Cento e tantos anos depois, o rio continua a passar, agora sob três pontes. Há outras tantas praças e igrejas. As casas já se erguem fora do entorno do quadrilátero central e há um esboço de verticalização, prédios e mais prédios. É uma cidade de porte médio, habitada por cerca de 70 mil pessoas, a que hoje ali se encontra, às margens do Rio Pomba.

O Colégio? Obra de Oscar Niemeyer (1947), com painel de pastilhas do modernista Paulo Werneck e mobiliário do português Joaquim

Tenreiro, que praticamente iniciou em Cataguases sua carreira de designer de móveis. O Colégio Cataguases, famoso por seu internato nos anos 50 – onde estudaram Chico Buarque, Dori Caymmi, Pedro de Moraes e todos os demais meninos de seus papais já famosos e intelectuais todos, todos eles amigos do diretor, o escritor cataguasense Francisco Inácio Peixoto.

A igreja? Ousada como uma aeronave que pousasse em plena praça de Santa Rita de Cássia, a padroeira da cidade. Projeto de Edgar Guimarães do Valle, com um portentoso painel de Djanira na fachada. A capela do Educandário ao lado? De Francisco Bolonha, com afresco de Emeric Marcier na capela e painel externo de Anísio Medeiros. Ali também, na mesma praça Santa Rita, a imponência neoclássica do Paço Municipal.

O prédio modernista da outra praça, a Rui Barbosa? Dos irmãos MMM Roberto. O cinema? De Aldary Toledo e Carlos Leão. O outro cinema? Hoje totalmente remodelado, é onde se encontra o Centro Cultural Humberto Mauro. O arrojado coreto na mesma praça? Também de Francisco Bolonha. O mesmo Bolonha que assina outras tantas obras na cidade, inclusive o Monumento a José Inácio Peixoto, na pracinha do outro lado do rio, onde se destacam as contribuições modernistas de Cândido Portinari (painel em azulejos “As Fiandeiras”) e Bruno Giorgi (escultura “A Família”).

O hotel? Absolutamente modernista (final dos anos 40), com nítidas influências de Niemeyer. Obra de Aldary Toledo, que vai dominar a produção da arquitetura moderna na Cataguases da década seguinte. Escultura de Jan Zach e jardins de Burle Marx, outro nome de ponta a desenhar o paisagismo do entorno de várias construções da cidade. Essa, a “Cataguases moderna”, com uma série de outras casas e prédios do mesmo porte. E esculturas, como a vanguardista obra de Amilcar de Castro na Avenida Humberto Mauro, monumento ao cineasta que projetou o nome de Cataguases.

O entorno da estação ferroviária? Ali, preservou-se a tradição. É onde se encontra o próprio prédio da Estação, conservado em suas linhas que remetem aos pavilhões industriais ingleses – hoje sediando o Centro Cultural Eva Nil, a estrela dos filmes de Humberto Mauro. E também construções neoclássicas e ecléticas, como o Grande Hotel Villas e a Chácara Dona Catarina – típico exemplar dos chalés românticos predominantes na arquitetura do último quartel do século XIX –, totalmente restaurada pela Fundação Ormeo Junqueira Botelho, que hoje abriga a Biblioteca Municipal Ascânio Lopes. Em seus jardins, agora transformados em praça pública, a bela escultura de Sonia Ebling. Nas proximidades, o imenso prédio “vitoriano” da antiga fábrica de tecidos, ex-sede do Instituto Francisca de Souza Peixoto, hoje um supermercado. Acontece também em Cataguases.

Aquele belo casarão no início da principal avenida da cidade, a Astolfo Dutra? É obra típica do início do século XX, construção que remete ao *art nouveau* e que hoje abriga o Museu Energisa. É onde nosso rápido passar pela cartografia de Cataguases tem seu fim e início, que Cataguases não acaba nunca.

# Ary, Chico, Dori

SALVE O COLÉGIO, QUE É SEM PAR  
DE CATAGUASES

AS CRÔNICAS DE CHICO BUARQUE E UM DEPOIMENTO DE DORI CAYMMI

**A**ry Barroso andou por lá. E Patápio Silva. E Chico Buarque. E Dori Caymmi. Lúcio Alves e Maria Alcina são de lá. Os dobrados do Maestro Rogério Teixeira – que animava com sua banda os domingos de Cataguases – foram depois gravados em LP por Altamiro Carrilho. Dizem que o Hino Nacional foi composto na cidade. Quem sabe? Tudo é possível em Cataguases. Na verdade, o poeta e crítico literário Joaquim Osório de Duque-Estrada, um dos imortais da Academia Brasileira de Letras, fixou residência em Cataguases entre os anos de 1893 a 1896, onde criou e dirigiu o jornal *O Eco*. Seu poema em dodecassílabos e sucessivas ordens inversas foi finalizado em 1909 e oficializado como letra do Hino Nacional Brasileiro em 6 de setembro de 1922. Mas nada impede que ele tenha sido esboçado durante a permanência de Duque-Estrada em Cataguases, onde tudo é possível, como bem se sabe.

Quando menino, Villa-Lobos morou nas redondezas – daí *O Trenzinho do Caipira* foi com certeza influência de algum “trem do mato” visto em Cataguases. Dizem. Já o Hino do Colégio (“que é sem par”) de Cataguases foi, esse sim, composto “lá do alto daquelas verdes mansas colinas” pelo não menos Ary Barroso, ex-aluno do Ginásio nos anos 1920. Guilhermino Cesar testemunhou: “Ary Barroso, vindo de Ubá para o Ginásio Municipal de Cataguases, já no fim de seus preparatórios, encheu de samba as nossas tardes domingueiras”.

O Grêmio Literário Machado de Assis voltaria a ganhar força a partir do final dos anos 1940, com a transformação do velho casarão do Ginásio no imponente edifício do Colégio Cataguases. De certa forma, a exemplo dos rapazes da Verde, foram também influenciados pelas atividades do Grêmio, e do professor de português José da Silva Gradim, que surgiram os poetas da Revista Meia-Pataca (1949) e do Grupo Totem (1960-70). A partir dessa fase – da inauguração em 1947 do belo prédio projetado por Oscar Niemeyer, que ali se encontra ainda hoje – o Colégio Cataguases passou a acolher alunos internos vindos de todos os cantos do país. Muitos deles com pais famosos – intelectuais, músicos, pintores –, amigos de seu fundador, o industrial e escritor Francisco Inácio Peixoto, que

fora um dos “rapazes da Revista Verde”. Filhos de pais famosos, esses alunos logo seriam também famosos, a exemplo de Chico Buarque, Dori Caymmi e Pedro de Moraes.

No final dos anos 50, fundado pelos alunos internos, havia um jornalzinho mimeografado, *O Pirilampo*, onde Chico Buarque, do alto de seus 15 anos, assinava uma coluna com o pseudônimo de “Bananal”. Eduardo Lunardelli, ex-aluno do internato, que era o editor de *O Pirilampo* e foi também presidente do Grêmio Literário Machado de Assis, depõe:

*Entoada por muitos cataguasenses eufóricos e outros tantos conhecedores apenas da expressão “Sabia que o Chico Buarque estudou no Colégio Cataguases?”, a breve passagem do então aluno Francisco Buarque de Hollanda pela cidade e sua internação no Colégio Cataguases propiciaram aos moradores o direito de estufar o peito e dizer com toda pompa que um dos maiores nomes da Música Popular Brasileira lá estudou. A passagem de Chico Buarque por Cataguases durou apenas seis meses. Assim, poucos também são os registros do mais ilustre estudante do Colégio Cataguases. Mas, já mostrando o que viria ser mais tarde, Chico – aliás “O Bananal” –, escreveu aos 15 anos crônicas n’O PIRILAMPO, jornalzinho mimeografado no Colégio Cataguases, cujo primeiro número (110 exemplares), saiu em 3 de setembro de 1959.*

*Outra curiosidade: Chico já gostava muito de futebol, como gosta até hoje. Nos passeios que fazia nos fins de semana na Praça Rui Barbosa, ao lado de amizades feitas no curto período em que esteve na cidade, gostava de ouvir as histórias de seus amigos que jogavam no Flamenguinho contra o seu maior rival, o Operário. Um outro registro: foi em Cataguases que Chico Buarque, garoto de cidade grande, pela primeira vez viu passar uma banda de música. Daí para os mais animados dizerem que A Banda foi inspirada a partir da cena vista em Cataguases é um sopro.*

Pois é, o Hino Nacional, *O Trenzinho do Caipira*, *A Banda*. Cataguases é mesmo um espanto. Lendo *O Pirilampo* (praticamente pela primeira vez, pois não me lembrava de mais nada), vejo que o jovem Chico Buarque “já levava jeito de escritor” e suas crônicas – revelando desde então o seu

potencial de invenção e criatividade – são perfeitamente publicáveis, considerando-se os seus apenas 15 anos. Numa das colunas, datada de 27.09.2059, diz o Bananal sobre o futuro dos redatores de O Pirilampo: “Infelizmente, estão todos falecidos, com exceção de um tal de Bananal. Este comprou há trinta anos um falso remédio de nome ‘Fonte atômica da juventude’ que o envelheceu mais ainda e que não permitiu que ele morresse. Surdo, mudo, cego, paralítico e louco, não pôde o Bananal prestar-nos maiores informes”.

Conta-se que numa reunião dos internos, surgiu aquela pergunta que aflige todo jovem: “o que você quer ser na vida?”. Chico Buarque não titubeou: “quero ser tão famoso quanto o Bauru (*um sanduíche então na moda*)”.

## Quitandinha do bananal

Três crônicas de F. Buarque de Hollanda

### 1

É com grande prazer que me apresento com minha “Quitandinha” ao leitor neste tão concorrido (espero eu) primeiro número de “O PIRILAMPO”.

Aviso-lhe que achará em minha quitanda grandes abacaxis, e talvez, procurando muito, algumas uvas. Que ele repare por favor, que não sou convencido, já fiz notar que muitas das minhas frutas são podres. Aliás, somente aproveitando-se de notória “modéstia” dos alunos deste colégio conseguiu o senhor diretor sua colaboração: será que você tem capacidade para colaborar, etc... (Aliás ele é muito afinado para “cantar”).

A propósito, devo comunicar-lhe que faltou-me capacidade e assunto para preencher, de modo satisfatório, minha satisfatória coluna; e ainda é o 1º número. No entanto, na necessidade de preenchê-la, recorro à poesia.

Se Dante, se Camões, se Shakespeare, assim o fizeram, porque não poderá fazê-lo o já “famoso” Bananal? Não reparem na minha “modéstia”, mas a única diferença entre um Dante e um dono de “Quitandinha” é que ao segundo falta assunto. Espere um pouco... Não haverá poesia na falta de assunto? Perguntarei à inspiração:

*Vai, poesia sem assunto,  
vai, poesia, para junto  
do meu monte de papéis.  
Intrigado me pergunto  
se poesia sem assunto  
vale mais que dois mil réis.*

13/9/1959

### 2

Em meu primeiro número versei sobre minha modéstia e falta de assunto. Cheguei à conclusão de que sou “o mais modesto do mundo”, e que umas férias, ainda que pequenas, são o bastante para incentivar minha literatura.

Todo cuidado é pouco quando vai se atravessar uma rua no Rio. Temos de olhar para a esquerda para ver se não vem um carro contra a mão... e vem. Quando estes acabarem de passar, vire-se para a direita: pode vir algum maluco na mão certa; mas como não vem mesmo, olha-se para cima.

É sempre perigoso cair um edifício na cabeça de uma transeunte; além disso, muitas vezes aparecem lotações “pelos ares”. Então corre-se porque é certo que alguma coisa caia. Quando acabar de correr, finalmente, olha-se para baixo: corre-se o perigo de cair num buraco, mas evitá-los é impossível... Há buracos por toda a parte. Não restando nada mais a fazer, desiste-se de atravessar a rua:

*Quantos desastres de lotação  
quanto buraco em tão pouco asfalto*

*quando maluco vem contra a mão,  
quanto edifício que cai lá do alto.*

*Sempre há mais preço do que dinheiro.*

*Mas, à verdade é claro que falta  
se eu for falar em tom zombeteiro  
da minha terra, porque no fundo  
é, mesmo assim, Rio de Janeiro  
sempre a melhor cidade do mundo.*

### 3

Desde meus primeiros anos, lembro-me daquele relógio velho, abandonado num dos cantos da sala da “casa grande” no sítio. Ele sempre me impressionou: era grande e feio; não tinha uma cor definida. Não obstante a ferrugem que nele abundava, subsistia ao tempo.

Certa vez, exausto, quase fora de mim, passei a observá-lo cuidadosamente. Esparramado por alguma poltrona, fixei-lhe o olhar enfraquecido por longo tempo. Por muitas vezes, lembro-me de ter visto o ponteiro dos minutos, veloz, passar por cima do outro que parecia mais cansado. O ponteiro das horas parecia mais velho, mais cansado... Quantas vezes vi o maior transpassando-o, deixando-o.

Acordei de um sonho, admirado: como se parecem com pessoas da vida real. O ponteiro maior, incansável, superior, está por toda a parte. Seu irmão menor, inerte, inferior, movia-se menos, cansava-se mais.

Recentemente, contudo, o ponteiro, das horas partiu-se; caíra e não se ergueria mais. Já ninguém lhe dá atenção, não deu-se ao trabalho de jogá-lo fora. Alguém, não sei quem é, continua a dar corda naquele



Colégio Cataguases, 1959: Chico Buarque, o "Bananal", entre seus colegas "Bambolé" e "Jequitinhonha".

relógio velho. Quem será? Só sei que o ponteiro dos minutos continua a girar indefinidamente... mas já não tem sentido.

Assim é a vida real. Certas pessoas estão por todo lugar, estão sempre marcando presença. Aparecem nas manchetes dos jornais, parecem personalidades invulgares. Mas há alguém por trás, obscuro, apagado, que lhes dá sentido. Essas pessoas vivem ocultas, não conhecem a glória, mas são elas que marcam, são elas que deixam rastros...

8/11/1959

## Ê Minas, Ê Cataguases...

Depoimento de Dori Caymmi

Em março de 1957, cumprindo sentença de minha mãe, Stella Caymmi, cheguei à cidade de Cataguases, levado por meu pai, Dorival Caymmi, e por nosso amigo e motorista "Santana", que anos mais tarde me contou que foi muito triste a volta deles pro Rio de Janeiro. Segundo ele, o meu velho chegou a chorar. Minha primeira lembrança é a de Francisco Peixoto (filho) diretor do colégio, nos recepcionando no salão nobre e do painel da "Inconfidência Mineira", de Cândido Portinari.

A segunda, mais "amedrontadora", foi conhecer o chefe de disciplina "Kimura". Levei muito beliscão dele. (Ele tinha a unha do dedo polegar pontuda e doía pra chuchu). Me lembro também do "Trote dos Calouros". Tive que sair de pijama e cantar a música "Maracangalha" de meu pai, de trás pra frente. Os inspetores eram o Zé Carlos e acho que o

"Miracema", que sempre me pegavam fumando, o que me deixava sem saída e sem semanada. Dos professores meu favorito era o de português, Gradim, e o de Francês, Toniquinho. Do Lyses Brandão, de matemática, eu tinha medo.

Da cidade, me lembro da família do seu Raimundo Nogueira. D. Guiomar, Therezinha, Maria, Maria do Carmo e os dois meninos, creio que Raimundinho e Luís Sérgio, que foram a minha família nos dois anos de internato. Dona Lila e Auxiliadora, que me davam aulas de piano, Elizabeth Abritta, primeira paixão de menino, Benigna do Vale, padre Antônio, Moacir Barbosa. Lembro do cinema, do clube Social, das voltas pela praça (moças de um lado e rapazes do outro). Lembro da D. Amelinha Peixoto, que toda vez que alguém ficava doente ela tacava "leite de magnésia de Phillips".

Dos alunos internos, lembro bem: Edgar Braga, Ladeirinha, Richard, Douglas, Buriti, Napoleão, os irmãos Chateaubriand, Eduardo Vasconcellos, Herculano, Miguel Lacerda, os primos Murray (Ronald e...), Pedro Moraes, Miracema, Lucílio (Lucílio?) César Calazans, Eduardo Abel, Zé Cássio, Alexandre e Rogério Teruz, Paulo Adolfo.

Enfim: Cataguases foi tão importante na minha formação que escrevi o refrão de "Desenredo", música minha com letra do Paulo César Pinheiro.

*Ê Minas, é Minas...  
É hora de partir, eu vou.  
Vou-me embora pra bem longe.*

Aí está o resultado do meu amor por Cataguases e meus queridos amigos.

# CATAGUASES QUE TE QUIERO VERDE

“– Cataguases é o meio do mundo”. – “Se duvidar, meça!”  
Dito por um menino para outro, o futuro poeta maior da Verde,  
Ascânio Lopes – citação feita por ele em artigo publicado  
no Diário de Minas, de 17/09/1927.

**A**pós a eclosão do movimento modernista alavancado pela Semana de 1922, surgem as revistas *Klaxon* (São Paulo, 1922–23), *Estética* (Rio, 1924–25), *A Revista* (Belo Horizonte, 1925–26), *Terra Roxa* (São Paulo, 1926). Logo em seguida, aparece em Cataguases a revista *Verde* (1927–29), ponta-de-lança do modernismo e única publicação de importância do movimento no interior do país, lançada numa cidade com pouco mais de 16 mil habitantes na época. Só depois iriam aparecer *Festa* (Rio, 1927–28; 1934–35) e a *Revista de Antropofagia* (São Paulo, 1928–29).

Verde teve sete edições publicadas, as cinco primeiras em 1927, uma em 1928 e a última em 1929, toda esta dedicada a Ascânio Lopes, que acabara de falecer, aos 23 anos. O primeiro número publicava apenas escritores mineiros – Carlos Drummond de Andrade, Emílio Moura etc. – e entre eles os rapazes da cidade, núcleo de resistência de Verde e fundadores da Revista: Ascânio Lopes, Cristóphoro Fonte-Boa, Camilo Soares, Enrique de Resende (o mais velho, então com 28 anos), Francisco Inácio Peixoto, Guilhermino Cesar, Martins Mendes, Oswaldo Abritta e Rosário Fusco.

“Sou de Cataguases, cidadezinha pacata de Minas Gerais, e venho trazer a notícia de que eu e Henrique (mais tarde ele suprimiria o H) de Resende fundamos uma revista moderna aqui. Verde é o nome da baíta” – escrevia o rapazote Rosário Fusco (17 anos recém-completados) a Mário de Andrade. E pedia colaboração, acrescentando que acabara de “dar uma facada no Alcântara e no Oswald”. O primeiro contato do petulante Fusco foi com Antônio de Alcântara Machado, que daria os endereços dos outros modernistas (corre que Fusco teria “ordenado” a um deles: “Mande colaboração, seu bosta!”).

E todos acabaram mandando textos e poemas, inclusive os dois Andrades, que no número 4 assinariam em conjunto, “Marioswald de Andrade”, o poema “Homenagem aos homens que agem”, que terminava com a estrofe que ficou famosa: “Todos nós/ Somos rapazes/ Muito capazes/ De ir ver de/ Forde verde/ Os ases/ De Cataguases”. Nunca foram à cidade, é bem verdade, mas tornaram-se assíduos na revista que, inclusive, publicou em primeira mão capítulo inédito do *Macunaíma*

de Mário. E logo, além de Minas e São Paulo, surgiram colaborações de várias partes do país e até mesmo do exterior – encomendadas por Rosário Fusco via Mário de Andrade, um dos grandes entusiastas da revista. Nacional e internacionalmente, a revista Verde logo se transformou numa tribuna livre “a todos os novos do Brasil e do mundo”.

Em carta a Rosário Fusco, de 8/11/1927, escrevia Mário de Andrade: “Principiar é trabalho leviano que qualquer ombro de piá carrega. Porém em seguida a gente percebe que não pode ficar nessa de ir além e, sobretudo, ir mais profundo e que-dê estudo, quê-de base, que-dê treino e fôlego para isso?”. Mas, ao escrever sobre o livro *Poemas Cronológicos* – de Ascânio Lopes, Enrique de Resende e Rosário Fusco (Verde Editora, Cataguases, 1928) –, Tristão de Athayde contrapõe: “Os poetas de Cataguases não serão talvez grandes poetas, mas possuem sem dúvida um feitio próprio que não se explica apenas pela grande influência que o Sr. Mário de Andrade exerceu sobre eles. Têm mais alguma coisa – e esse mais alguma coisa é essa “alma de Minas”, que é das coisas mais preciosas que temos de contar para as grandes descaracterizações do amanhã”.

Como registra Ivan Marques em “Modernismo em Revista” (Editora Casa da Palavra, 2013), “nos últimos meses de 1927, o modernismo se transferiu em peso para Cataguases”. E acrescenta: “*Espantoso*, foi o adjetivo usado mais de uma vez por Mário de Andrade para se referir ao grupo, ao qual depois se juntariam outros qualificativos – *milagre*, *fenômeno de Cataguases*, *proeza*, *milagre verde* etc. – todos pertencentes ao campo semântico da exceção e da anormalidade”.

O mesmo Mário que, em carta a Rosário Fusco, diria: “também quero ser *verdinho* que nem vocês”. E depois, dada a expansão de Verde e do movimento pelo interior do país, Mário antevia uma “cultura nacional”, que “exigiu da inteligência estar ao par do que se passava nas numerosas Cataguases”. Mas a cidade, que hoje se orgulha de ter sido berço de Verde, fingia não ver, ou até mesmo rejeitava, a aventura de seus rapazes. Diria ainda Mário de Andrade para os rapazes e o olhar avesso com que eram vistos por parte da cidade, exatamente: “a *cidadinha* à qual haviam dado realidade *geográfica*”. E também José Américo de Almeida: “Eu sonhei com vocês: todo o Brasil espiando pra Cataguases e Cataguases dando as costas a vocês”.

“Verde é milagre, e milagre / não se explica, nem se inventa” diria Enrique de Resende em poema de 1967, ao saudar os 40 anos da revista. Na verdade, Verde durou pouco, mas ficou para sempre. Não só a revista como a editora com o mesmo nome, que fez de Cataguases a primeira cidade de Minas a publicar livros modernistas. Em 1928, *Poemas Cronológicos*, de Ascânio Lopes, Enrique de Resende e Rosário Fusco; e *Meia-Pataca*, de Francisco Inácio Peixoto e Guilhermino Cesar; em 1929, *Fruta do Conde*, de Rosário Fusco; e *13 Poemas*, de Martins Mendes. Somente em 1930 é que aparecem as primeiras obras modernistas de Belo Horizonte, como *Ingenuidade*, de Emílio Moura; *Brasil Errado*, de Martins de Almeida; e *Alguma Poesia*, de Carlos Drummond de Andrade. Drummond, inclusive, publicou vários poemas inéditos na revista Verde.

Mais tarde, no profético texto “Cataguases 1937”, ao saudar os 10 anos da revista Verde, dizia Marques Rebelo: “Não faz mal, no futuro a cidade será lembrada mais pelo talento dos verdes meninos que pela pouco imaginosa engenharia estadual”. Em seu livro *O Movimento Modernista Verde, de Cataguases-MG 1927-1929* (Instituto Francisca de Souza Peixoto, Cataguases, 2009) –, talvez o mais completo e bem acabado estudo sobre a Revista e a Verde Editora – diz a autora Rivânia Maria Trotta Sant’Anna: “Uma das coisas que mais chamaram a atenção ao pesquisar o contexto em que o movimento Verde se desenvolveu, a partir de consulta ao *Jornal Cataguases*, foi o fato de ter percebido que a literatura tinha, também para Cataguases, grande importância, e os literatos, um certo status, mesmo sua obra não sendo bem compreendida. Talvez, pelo grande contingente de analfabetos existente no país, o fato de ser letrado e, mais ainda, literato, conferisse certa aura a essas pessoas”.

Rosário Fusco, em entrevista publicada pelo *Pasquim* em 1976, já autenticava de certa forma o dizer de Rivânia Trotta: “A Verde é folclore, e os seus representantes um episódico (embora, pra Cataguases, um lisonjeiro mas não identificado) equívoco. Na inconsciência do verdor de um elenco de rapazes, aspirantes à afirmação de seus variados pendores – digamos, artísticos –, Cataguases simplesmente cumpriu sua missão didática na época. Como, aliás, inúmeras outras cidades da província, acionadas por puro espírito de imitação. Premiar Cataguases, a propósito, com dois ou três adjetivos, em mais de uma linha impressa, só pode, a meu ver “ufanar” sua linha de professoras de grupo aposentadas. Mestras episódicas dos gênios municipais, hoje – quarenta anos depois da aventura – desencantados escribas na faixa do enfarte”.



Cataguases, 1929. Os Verdes em visita aos estúdios da Phebo.

Em pé: Guilhermino Cesar, o pianista Renato Gama e Martins Mendes

Apoiado na escada: Humberto Mauro

Sentados: Enrique de Resende, Rosário Fusco e Francisco Inácio Peixoto

Abre esta seleta de alguns poemas dos Verdes o “Serão do Menino Pobre” (1924), de Ascânio Lopes, que seria “homenageado” por seu amigo Rosário Fusco, em 1925, com “Serão Interior”, que se encontra a seguir. É o mesmo clima o dos dois poemas. E, de certa forma – mesmo passando-se em ambiente requintado –, há também uma certa parecença no poema “A Sala” (1928), de Enrique de Resende. Em 1930, outro grande amigo de Ascânio, o não menos Carlos Drummond de Andrade, publica em seu primeiro livro, *Alguma Poesia*, o poema “Infância”, que se inicia com a estrofe “Meu pai montava a cavalo, ia para o campo./ Minha mãe ficava sentada, cosendo./ Meu irmão pequeno dormia./ Eu sozinho menino entre mangueiras/ lia a história de Robinson Crusoe./ Comprida história que não acaba mais”. Interessante ainda atentarmos para “Os Mortos de Sobrecasaca” (in *Sentimento do Mundo*, 1935-1940), onde Drummond abre seu poema com “Havia no canto da sala um álbum de fotografias intoleráveis./ alto de muitos metros e velho de muitos minutos”, que remete ao poema “A Sala”, de Enrique. Coincidência? Coincidências?

### Ascânio Lopes (1906–1929) SERÃO DO MENINO POBRE

*Na sala pobre da casa da roça  
Papai lia o jornais atrasados.  
Mamãe cerzia minha meias rasgadas.  
A luz fraca do lampião iluminava a mesa  
e deixava nas paredes um bordado de sombras.  
Eu ficava a ler um livro de histórias impossíveis  
– desde criança fascinou-me o maravilhoso.  
Às vezes mamãe parava de costurar  
– a vista estava cansada, a luz era fraca,  
e passava de leve a mão pelos meus cabelos,  
numa carícia muda e silenciosa.*

*Quando Mamãe morreu  
o serão ficou triste, a sala vazia.  
Papai já não lia os jornais  
e ficava a olhar-nos silencioso.  
A luz do lampião ficou mais fraca  
e havia muito mais sombra pelas paredes.*

*E dentro em nós uma sombra infinitamente maior...*  
*Poemas Cronológicos (Verde Editora, 1928)*

### Rosário Fusco (1910–1977) SERÃO INTERIOR

*O silêncio pesava sobre a descor das paredes comprimidas*

*Eu sozinho – entre livros de estudos –  
Lia as viagens de Sindbad.  
Mamãe chamava pro café das oito...  
Depois eu voltava de novo pro quarto, pros livros  
e daquela vontade danada de ser grande  
pra correr mundo também...  
Hoje o silêncio inda pesa sobre a descor  
das mesmas paredes comprimidas...  
Já sou homem quasi  
e sozinho – entre livros de estudo –  
fico pensando na ingenuidade boa do meu tempo  
de viagens maravilhosas...  
Depois paro um pouquinho*

*mas não ouço mais a voz de mamã chamando pro café,  
e tenho uma vontade doida de ser criança outra vez  
pra não ficar pensando nessas coisas feias  
que gente grande gosta de pensar...*

*Poemas Cronológicos (Verde Editora, 1928)*

### Enrique de Resende (1889–1973) A SALA

Na sala da fazenda, a mais ampla e a mais severa,  
oleografias antigas, trabalhadas no estrangeiro,  
pendem das paredes brancas.

A um canto, o grande sofá de palha e de cabiúna lavrada,  
e, além, as suas doze cadeiras pesadonas,  
espalhadas em grupos.

E os consolos antigos, com jarrões antigos;  
e o piano Pleyel data de meio século;  
e, no alto, o vasto espelho circular com molduras  
douradas;  
e o lustre rodeado de candelabros;  
e o busto em gesso do avô fundador da fazenda;  
– tudo isso dá à sobriedade e à descrição da sala  
um ar angustioso de recordações...  
É que todos aqueles que estão suspensos nas paredes,  
e hoje não são mais que simples oleografias trabalhadas  
no estrangeiro,  
já estiveram ali, no centro da sala, debaixo do lustre,  
cercados de velas acesas e parentes chorosos,  
imóveis nos seus esquifes improvisados.

E lembrando, levanto os olhos comovido,  
para uma oleografia – a mais recente – pendurada na  
parede:  
– o último sorriso que ficou na velha sala da fazenda  
e no abandono da minha orfandade...

*Poemas Cronológicos (Verde Editora, 1928)*

### Guilhermino Cesar (1908–1993) MEIA-PATAÇA

*O conquistador chegou cansado*

*e batizou com o ouro da cobiça  
a terra que lhe prometia  
um punhado de coisas tentadoras  
MEIA-PATAÇA!  
Vieram mais gentes  
porém não havia mais ouro  
no rio de águas feias.*

*Vieram outras gentes.  
Cataguases... a cidade cresceu.  
O Pomba tem barcos de nome estrangeiro  
brincando no dorso barrento.  
O Meia-Pataca ficou desdeixado  
pobre riozinho que se esconde  
e passa de longe medroso.*

*– Olhando o rio esquecido  
eu penso no ouro que sumiu  
e no ouro que ficou pra sempre  
no coração da minha gente.*

*Meia-Pataca (Verde Editora, 1928)*

### Francisco Inácio Peixoto (1909–1986) PEDREIRA

*Dependurados no espaço  
eles ficam ali o dia inteiro  
arrancando faíscas  
furando buracos na pedreira enorme  
que reflete como um espelho  
as suas sombras primitivas.*

*À tarde ouve-se um estrondo  
e o eco repete a gargalhada das pedras  
que vieram rolando da montanha.*

*Os homens de pele tostada  
descem então dos seus esconderijos  
e caminham pras suas casas  
vagarosamente decepcionados  
segurando nas mãos cheias de calos  
as ferramentas com que procuram  
há uma porção de anos  
o segredo que lhes dê  
uma revelação de vida...*

*Meia-Pataca (Verde Editora, 1928)*

### Martins Mendes (1903–1980) EPIGRAMA Nº 1

*Envolve-me na carícia de teu olhar  
– gaze de luz branda, morna e doce...*

*Deixa que eu aperte as tuas mãos frias,  
finas e pequeninas,  
onde o Destino pôs o meu destino...*

*Deixa que eu fique ao teu lado  
envolto na gaze de teu olhar,  
preso em tuas mãos frias,  
esquecido da vida...  
(preso ao teu lado  
sou o mais feliz dos homens).*

*Treze Poemas (Verde Editora, 1929)*

### Oswaldo A Britta (1908–1947) SONETO ALGÉBRICO

*O teu olhar confuso é uma equação  
que em vão procuro, às vezes, resolver.  
Por muito fácil que ela possa ser  
ainda não lhe achei a solução.*

*Se fácil é, não a pude compreender,  
por mais que lhe buscasse a compreensão;  
nem é qualquer Pitágoras, ó, não!  
a incógnita capaz de conhecer...*

*Matemático não há, isto garanto!  
Que ache para esse olhar cheio de encanto  
o motivo de sua confusão.*

*Este é o X intrincado do problema...  
Quem achar o seu valor nesta equação  
tem do algebrista vocação suprema!*

*Cataguases, 1927*

# ROSÁRIO FUSCO

## A TÊNUE DENSIDADE DOS CORPOS

*rosário fusco o que foi fissil rosário fósforo  
foi-se de fato fora do rastro do que já foi  
sim porque nunca foi  
rito rosto rateio ritmo rumo ruminação relíquia*

**A**inda hoje é comum os americanos se indagarem sobre o que faziam no dia em que John Kennedy foi assassinado. Foi um novembro inesquecível, aquele novembro de 63, aquele dia de frente para a morte. Na noite em que Rosário Fusco morreu, falei com Ziraldo pelo telefone e combinamos que eu faria um artigo pro *Pasquim*. Desliguei o telefone ainda chorando e ainda chorando tranquei-me no escritório: um maço de Minister, um litro de Cutty Sark e a velha e às vezes infalível Lettera 22.

Estamos em agosto de 1977, na virada de 17 pra 18, dia em que Rosário Fusco será enterrado em Cataguases. Eu acabara de chegar do exterior, onde estivera a trabalhar durante longo período – se é que podemos chamar *Asunción del Paraguay* de “exterior”. De qualquer forma, estava isolado do país e há mais de três meses não via ou tinha qualquer notícia de Rosário Fusco.

Movido a lágrima e uísque a caubói, exatamente como com ele tantas vezes bebi, só consegui sair do escritório no “cu da aurora” (*d’après R.F.*), trazendo nas mãos um texto emocionado que o *Pasquim* publicaria na semana seguinte. Não consegui viajar pro funeral: sem condições. No ano anterior, março de 1976, o *Pasquim* publicava a entrevista que eu e Joaquim Branco fizemos com Fusco. Deu um bode dos diabos.

No mesmo dia em que saiu a entrevista, 19.03.76, um Rosário Fusco puto da vida – e sob a chancela “Reservadíssimo” – mandava-me carta de Cataguases: “... o que v. chamou de montagem de textos e o *Pasquim* divulgou como entrevista é furo jornalístico de foca provinciano”. E por aí seguia o velho e ferino Fusco, ameaçador: “... Mas pode ter conseqüências, pelas quais o responsabilizarei no momento oportuno, se for o caso”. A entrevista mencionava vários medalhões literários de forma inédita e bem-humorada, entre eles Lawrence Durrell e... Grace Kelly, a própria. Fusco temia inacreditáveis represálias sobre o que havia dito (e dito várias vezes), como se os dois, a “princesa” e “o autor internacional” fossem algum dia ler o *Pasquim*.

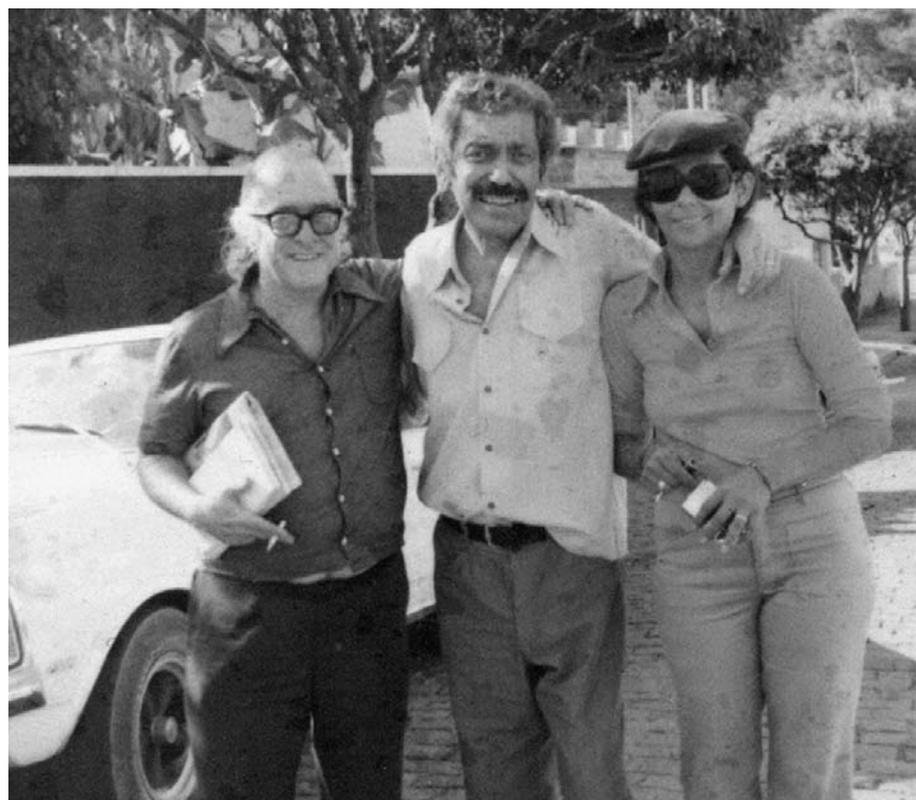
Apesar de outros envolvidos no, vamos dizer, quiproquó (o próprio Ziraldo, o Jaguar, o Joaquim, a Adriana, que fizera as fotos), ele não

livrava minha cara: “Tirei o Joaquim Branco da jogada porque o estilo dos comentários – inconfundível pelos cacoetes – tenho certeza de que são seus”. O velho bruxo da Granjaria estava realmente puto da vida. Por absoluto mistério do correio cataguasense, a carta só chegou às minhas mãos em abril. Devolvi de bate-pronto, numa longa resposta onde mostrava meu espanto com sua reação em cima de coisas já sovadas de tão ditas e repetidas para o fechadíssimo círculo que frequentava sua casa da Granjaria. E sobre as quais nunca se pediu segredo.

## O DITO & O ESCRITO

Ele mesmo chegara a ver grande parte do texto que fora publicado: “Foca provinciano – eu dizia em minha resposta – é no mínimo muito engraçado. ‘Foi uma das melhores entrevistas do *Pasquim*’ (Ziraldo), a única que mereceu seis páginas e todo aquele aparato fotográfico. Certamente (e falando sério) pelo talento & fotogenia do (suposto?) entrevistado. Mas se o ‘foca provinciano’ que editou a matéria (‘com seus comentários inconfundíveis pelos cacoetes’) não tivesse as fotos de primeira qualidade da Adriana Monteiro, algumas perguntas (respondidas por escrito) do Joaquim Branco ou os fragmentos (já publicados) das cartas de RF para Laís Correia de Araújo, a entrevista possivelmente ficaria esquecida na gaveta de algum *pasquim* provinciano. O que teria sido melhor: para RF, para RW... A imaginação do romancista (maior) pode – isso sim – ter sido por demais fértil”.

Era na verdade uma briga de amor onde eu terminava dizendo que “o Ronaldo manda um abraço pro Fusco (como normalmente nos chamávamos) e pra tribo inteira, como de hábito (isso porque, na carta, ele me chamava de ‘Ronaldo Werneck’ e assinava ‘Rosário Fusco’, procurando manter total distanciamento). Em maio daquele ano não pude ir a Cataguases, tomado pelo nascimento de meu filho Pablo e de *Selva Selvaggia*, meu primeiro livro. No início de junho, recebo carta, agora sim, de meu velho amigo, que merece transcrição:



Cataguases, 1973: Rosário Fusco entre Vinicius de Moraes e sua mulher Gesse

“Ronaldo: nada de ressentimentos, tanto mais que o dito ficou dito e, o falado, escrito. Velho aposentado não dispõe de tempo pra cartear, pois que o elenco de doenças que carrega lhe consome o tempo: entende? Vai entender, daqui a trinta anos. Parabéns (extensivos à Adriana) pelo duplo parto: do filho de papel e do filho do amor. Ambos são válidos e, às vezes, até se confundem nas nuvens do sonho igual. Você me cita no prefácio do livro do Quincas (Joaquim Branco) e o Cabral (Francisco Marcelo) me cita no prefácio de seu livro. Isso dá a impressão de que existe uma igreja cataguasense, mais nordestina do que mineira – o que não é bom. Creio que seu amigo Ezra Pound, na conjuntura, lhe proporia a seguinte charada inconseqüente que psicografo por estranha força do astral: ‘eu te cito/ você me cita/ na área do consumito/ você apita/ se eu apito/ no mesmo apito/ nada comum/ pois que o dito/ só clama aflito/ o pobre mito/ de cada um’. Abraços do Rosário (02.06.76)

“Ronaldo: veja, por favor, se descobre o endereço do famoso Dr. Ruper(?), considerado o maior urologista das três Américas... estou projetando um artigo comprido sobre sua poesia: mandarei. Não convém que a turma do Pasquim apareça. Pelo menos, por enquanto. Assim que eu melhorar de, ao menos, uma de minhas mazelas (acho que todas já se instalaram em mim pra ficar até o dia do Juízo) avisarei. Annie se junta a mim para abraçar o, agora, quarteto Werneck. Do velho, Rosário (18.08.76).

Não me perguntem como, mas devo ter achado o endereço do “famoso Dr. Ruper”, pois em 30.09.76 ele me agradecia em meio ao intenso sofrimento físico e a comentários sobre uma revista que lhe enviara. Prometia também terminar um artigo sobre meu livro *Selva Selvaggia*, que nunca vi:

“De pleno acordo com você quanto à paginação da revista (José): limpa e fria, monótona como uma viagem de trem no escuro. Também a matéria não rima com o formato nem com a indicação pomposa da tríplice especialidade:

‘literatura, crítica e arte’... Doente outra vez – ou como sempre – mas, desta feita, obrigado a uma viagem diária a J. de Fora (aplicações de raio x nas mamas), ando sem ânimo pra cuidar das coisas que mais gosto: ler, escrever e, até, ...beber. Não acabei o artigo sobre Selva: mas quero publicá-lo até o fim do mês: antes, submeterei o trololó à sua apreciação, ou ao seu entendimento, como diria o mulato Machado”.

## QUE COISA É ROSÁRIO FUSCO?

Era o velho Fusco que voltava à toda e me fascinava como sempre, como na primeira vez em que o vi, absolutamente só (Annie ficara em Friburgo, enquanto ele construía a casa no bairro da Granjaria) numa sala nas proximidades do campo de futebol do Colégio Cataguases, lá pelos meados dos anos 60, a cabeça surgindo imensa e se destacando no cipoal de garrafas sobre a mesa, a cabeçorra de Rosário Fusco que emergia por entre o mar de martinis e gin, muito gin, imaginem. Remexo na memória, num velho envelope escrito “R.F.”, que trouxe do Rio.

Onde anda Rosário Fusco? Onde andam o vozeirão, a velha e rombuda Parker 51, o imponderável bigode mexicano, a larga risada, o humor, as lágrimas, o uísque, o cigarro, a imensa caixa de fósforos marca olho, a panela com água fazendo de cinzeiro (magnífica invenção!), a lustradíssima bota do menino Rosário sobre a mesa do escritório, como a de Van Gogh, o mesmo daquele auto-retrato ali no fundo, primorosa reprodução feita pela Annie. Mas que coisa é Rosário Fusco? Que coisa entre coisas, entre todas as coisas é R.F.?

“Jamais descobri porque, aos 17 anos, fiquei sofrendo do peito, por solidariedade a Manuel Bandeira (que deve possuir uma carta minha a respeito)”.

“Tenho perdido ônibus, bondes, empregos, amizades. Nunca perdi a vontade de escrever”.

*“Amor é doença, como escrever. Não sei, em verdade, porque escrevo, se todos escrevem, se há tantas coisas na vida menos melancólicas e mais eficientes”.*

*“Vivo – quem não vive? – sob o signo do imprevisto, que manda chuva e manda guerra, protesto de títulos e cobradores à porta, falta de manteiga e falta de afeição, aumento do preço do cinema ou dores de cabeça irremovíveis”.*

*“Vivo num mundo onde poucos penetram e, se penetram, faço tudo para não deixá-los sair”.*

*“Escrever é um mal, é um bem, é um erro? É tudo isso e não é nada disso: é uma fatalidade, para encurtar palavras”.*

Começo a futucar essas coisas “fuscais”, esses velhos papéis que me ofuscam e quase planam na memória, não fora a irreversível “densidade dos corpos” que ele gostava sempre de lembrar. E remexo com a hierática postura que ele me ensinou um dia – solene, entre uma tragada e uma talagada: *“Meu caro poeta, para ler, mas ler mesmo, comme il faut, aproveitando o que se lê, aprendendo, é preciso apreender, é preciso estar com os cotovelos sobre a mesa, a cabeça apoiada em uma das mãos, a caneta na outra, anotando o ‘anotável’, digerindo o ‘digerível’, ou o dirigível, como queira”.* É o que eu hoje chamo de ‘*leitura cotovelar*’ – a que fica e nos justifica.

Então, “cotovemos” juntos com as palavras de Rosário Fusco:

*“Ronaldo: Lamento sinceramente não me ter encontrado com você. Com um febrão danado (39,5 à sombra), até o sagrado mijo eu o mictava na cama (num ‘compadre’, claro). Obrigado pela trazida do Processo (?): ainda não o abri, nem o abrirei tão cedo, com o rabo ruim e a alma pior. Reli seus poemas: acho que v. já tem idade para editar-se. Não falemos da entrevista nem de O Anunciador (Longa-metragem realizado em Cataguases em 1967, dirigido por Paulo Bastos Martins). Gostaria que v. me mandasse:*

*1 quilo de bacalhau ‘Neptun’s (dinamarquês, em pacote).*

*6 garrafas de ‘Merlot’ (Granja União).*

*6 garrafas de ‘Cabernet’ (idem).*

*Se tiver tipo ‘Medoc’, pode meter 6 também. Pagarei aqui, ou aí, como quiser.*

*Abraços apressados e hemorroidários do R.” (26.08.70).*

## AS MAMAS DO FINNICIUS

Era assim, totalmente imprevisto, misturando tudo, poemas, bacalhau e vinho, muito vinho, de uma só ‘cambulhada’, como gostava de dizer. Foi mais ou menos por aí, meados de 72, que ele esteve no Rio, rumo a Paris. Passou um mês no APA Hotel, em Copacabana, junto com Annie, a francesa com quem se casou cinco vezes e que o acompanhou sempre e o acompanha ainda agora e para sempre lá no alto daquele morro. Annie que lhe deu François, o Rosário François Petitjean Fusco de Souza Guerra, então um menino de pouco mais de dez anos. Fusco passou

um mês absolutamente de porre, não querendo embarcar por absoluta *paúra* de voar, até mesmo de elevador: hospedou-se no 2º andar e só transitava pelas escadas, sempre para o hall onde bebíamos, e bebíamos, e bebíamos. Ele dava generosas gorjetas aos empregados do APA para levarem François ao circo, ao Tívoli Parque, aos cambaus infanto-juvenis. Nós nos víamos quase todos os dias noite adentro. Annie me pedia, aflita, para convencer o “Rosárr” a pegar o avião logo, pois o dinheiro que haviam trazido para a temporada européia estava indo embora entre garrafas & gorjetas.

Pouco antes de finalmente embarcada para Paris a tribo Fusco, eu e meu amigo fomos ao tradicional almoço das sextas-feiras na Livraria José Olympio. Rosário queria rever amigos e lá fomos nós, devidamente calibrados, a pé pela praia de Botafogo, após deixarmos Annie e François na Sears. Duas figuras de almanaque: Fusco muito alto, de terno escuro, sem gravata e... sem sapatos (os pés inchados há muito não permitiam essa “modernidade”). Eu muito baixo perto daquele mulato gigantesco – trôpego, possivelmente tropeçando em minhas próprias barbas. Ainda não dera meio-dia e já bebêramos “todas” segundo o jargão de hoje. Fusco brilhou, ofuscou a todos no almoço coalhado de literatos de vários calibres. Lá pelas tantas, Zé Olympio me chamou em seu escritório. Queria saber, em particular, sobre as mamás de Rosário, que estavam muito inchadas. Sua preocupação não era infundada: as mamás inchadas já eram um indício do início do fim ou do reinício de tudo, do “finnicius” do, segundo ele, “sovado Joyce”. Mas, antes, vamos a Paris:

*“... Já voltamos da Bretagne. Pra Annie e François, uma festa. Pra mim, uma bosta. Quinze dias sem comer. Uísque (baratíssimo): um litro por 24 horas... Abraços de tribo pra tribo. Rosário” (Paris, 18.07.72).*

Corta pra alguns anos depois, talvez 75. Eu estava em Cataguases e minha mulher foi internada por causa de uma desidratação. Nada sério. Relia alguns contos de Machado no quarto e engraçado que pensara no Fusco, pois o “mulato” era uma de suas admirações, do “rol das confessáveis” (as outras: Van Gogh, Dostoievski, Beethoven, não necessariamente nessa ordem). Saí para fumar no corredor e dei com uma enfermeira que me conhecia (eu não me lembrava) e fez a maior festa, pegando-me pela mão, prometendo uma surpresa inacreditável. Era mesmo. Ao abrir a porta de um dos quartos, a madrugada em meio, deparamos com a seguinte cena: um enfermeiro, duas enfermeiras, uma garrafa, duas garrafas, várias garrafas, muita fumaça e baforadas e um alegre Rosário Fusco regendo o porre hospitalar. Ele subornara todos & todas. Abriu nova garrafa pra comemorar minha chegada e... *“mergulhamos de vez no materialismo histórico”*, como ele gostava de dizer, citando Oswald de Andrade.

## O LIVRO DE JOÃO

Numa noite dos anos 70 em sua biblioteca da Granjaria, entre traga-das & talagadas de uísque a caubói, um Rosário Fusco visivelmente

emocionado começou a ler para mim trechos de seu romance “O Livro de João” (“*Ainda hoje, é o livro de que mais gosto. Eu mal completara vinte anos quando escrevi isso.*”):

“Nos livros, as descrições dos sentimentos pertencem, noventa por cento, ao poder, à força da sensibilidade de quem lê. A imaginação monta e desmonta cenas, que as palavras ajudam a construir, para que as assistamos numa sucessão de imagens que se propõem, vivas, ao nosso espírito. Por instantes, a alucinação da coisa descrita se apossa de nós, e nos domina, despótica e voluntariosa. Mas a verdade é que só podemos rever o já visto, sentir o já sentido. Narrai a mais delicada história de amor a quem nunca amou e rir-se-á de vós.

(...)

“Bem sei que muitos, lendo estas páginas (inclusive vários que ainda vivem) me alijarão do rol dos *colegas*. Estou, porém, velho demais para ofender-me com isso. Minha vaidade é infinita: assim como seria insensato, para um contemporâneo, preocupar-se com o que poderia pensar dele os caldeus, a minha tortura é saber se *durarei*, se cuidarão de mim os que me sucederem. Quero *durar, existir*, e, não, apenas *viver*. Digamos que, em breve, serei repolho. Mas repolho digno da boca de uma Carmélia inacessível por mim, atingível por mim, criada por mim, mãe da minha agonia, filha da minha inquietação, verbo e carne meus, problema e solução dos meus dias: na terra, no mar e no ar.

Outros, folheando este livro, não me reconhecerão. Na verdade, poucos são aqueles que separam as ações dos homens de seus nomes.

(...)

Este livro, porém, é meu só. Meu nome é João e não outro. À hora da prestação de contas, não me confundirão posto que tenho a minha *marca* especial. Eu mesmo erreí, e não outro. Mas a condenação que terei e a absolvição que aspiro não virão de outra vossa parte, mas de outra Parte. Não me atireis pedra. Agachando-vos, para apanhá-las, podereis levar um pontapé. E, de coração, não vos desejo isso.

(...)

Deixai-me em paz. O tempo urge: abrimos a boca, bocejando, e um século passa. Não indagueis mais. No vale de Josafá nos veremos. E, a quem interessar possa, advirto desde já: trarei um livro na mão contando o que fiz, mas sem dizer o que a mim fizeram. E aquele volume será meu, como o de receitas foi de Carmélia e este livro é de João, que é o meu nome. O nome que levarei da vida até a *segunda* morte. Amém”.

## CREME DE PÉROLAS

Foi também aí, meados dos anos 70, que Fusco me mostrou alguns poemas de um volume inédito sobre a Lapa. Praticamente impublicável na época, o livro (*Creme de Pérolas*, que ótimo título!) está inédito até hoje. Tenho aqui, à minha frente, um de seus poemas, o de que mais gosto, ainda impublicável em jornal, ditado por ele e datilografado por mim numa manhã etílica da Granjaria. Transcrevo alguns trechos, dos

publicáveis. O título é “Edital de demissão e ponto” e foi manuscrito pelo próprio com a velha Parker 51:

“*Meu caro poeta:/ meta/ a lira no cu./ (mesmo que doa)/e vê se te aquieta./ O mundo mudou tanto que/ amanhã/ a lua será lixeira à toa,/ privada e refúgio da terra/ emudecida,/ seu Orfeu./ Erra,/ quem pensa que as palavras valem/ hoje em dia/ – pois a palavra é poesia/ e a poesia morreu./ São cibernéticos os contatos/ dos homens com os homens/ e dos homens com as coisas./ Números./ .../ Nada vale nada com algemas,/ e os filhos das pílulas,/ feitos ou desfeitos pelas ditas,/ são tão filhos da puta que/ dispensam/ o pai/ a mãe/ .../ sobretudo/ o teu gorjeio inútil,/ de inusitados sons concretos,/ montagens de ruídos antisseânticos./ .../ Não é possível mais cantar:/ o canto entope,/ engasga e sufoca./ Radar./ A poesia do cosmo chega em vibrações secretas/ do telstar:/ omite/ e/ demite poetas”.*

Ora, pra quem se acreditava “somente” romancista (“*Sempre fui um desprezível poeta – mamãe dizia que versos não enchem barriga*”, este é um poema que nos chega com a força do grande poeta. *Creme de Pérolas* pede urgente publicação, principalmente por se tratar de uma faceta desconhecida de Rosário Fusco. Meu amigo era também um crítico arguto de poesia, como se vê pelos trechos desta carta, a última que me enviou, em 19.05.77:

“*Seu poema não precisa de apresentação* (ele falava de uma versão inicial que lhe havia enviado de meu livro “Pomba Poema”, homenagem ao centenário de Cataguases, que seria lançado em setembro de 1977). *Ele se apresenta em tons de ‘martelo’ (nordestino) e ‘carretilha’ (mineiro). No que se refere ao ritmo. Quanto à forma é uma explosão subconsciente (supra-realista) dominada, dirigida, como faziam os primeiros modernistas (Mário, principalmente) e, hoje, até o Chico Anísio nos seus poedramas (da TV) sincronizados, acentuando as rimas... No formato pretendido por v. não há economia de papel, custo etc: duas páginas de sua paginação se reduzem a uma, no formato tradicional. Lembre-se da disposição gráfica do Coup de dés. Não siga o conselho de seu amigo* (o designer cataguasense Dounê, que fez a programação visual): *a estatística só funciona no campo da ciência. O número é restrição, corte de asas. E você está voando, meu poeta. Eu tenho uma edição de Mallarmé que poderá orientá-lo tipograficamente. É de 914 e repete o poema do homem como foi composto e publicado originariamente, em vida do poeta. Não posso me estender mais, com dores tremendas – e sincopadas – em todo o esqueleto: ossoporose* (sic: Fusco grafou e grifou ‘osteoporose’ errado). *Venha conversar comigo, ou telefone. Seu velho, quadrado e anti-modernista Rosário”.*

Ah, sim: no dia em que John Kennedy morreu, eu viajava de ônibus do Rio para Cataguases. Soube em Além Paraíba. Traguei forte meu Luiz XV sem filtro e soltei a fumaça em espiral sobre o rio Paraíba. Tinha exatamente vinte anos e um mês e a vida parecia maior que a morte, até mesmo a de Kennedy. Não era.

O APRENDIZADO DOS SENTIDOS NA  
CONSTRUÇÃO POÉTICA DESÁGUA NAS MÃOS DE

# Francisco Inácio Peixoto



LINA TÂMEGA PEIXOTO

**H**esito em escrever este texto pelos aspectos desconcertantes que a escrita conduz e pelas perfeitas e ingênuas contradições com a vida que ele invoca. Penso expor à claridade de que forma, única e particular, as experiências da infância se firmaram como elementos construtores de meu processo criativo. As lembranças distanciam-se da solidão para que eu saiba onde me encontro. “A solidão guarda-me por compaixão/ das miragens que crepitam nos festins da vida” e lembra que as “Claras incertezas e insensatas esperanças/ seguram a rédea que mantém à superfície/ as legendas da vida, em seus limites longos”. Preciso envelhecer o presente para recriar as coisas que se escondem dentro de mim e que resistem às delicadas sutilezas da imaginação, no fazer-se obra literária. No caminho que se estreita, “Piso descalça histórias envelhecidas/ no ranger das tábuas.”

Todo o passado da poesia é uma palavra que se soletra nos sentidos. O passado não é fugaz, persiste em gestos, acontecimentos, relações, desordem, ternura, contemplação, virtudes e na percepção de que se habita um espaço de ideias e de sonhos, onde imitamos as linguagens do espírito. Assim, o assombro do tempo transforma-se em voos que se deslocam em todas as direções do mundo visível.

No entreabrir os muros sem-fim do horizonte de Brasília, chego às montanhas de Cataguases, Minas Gerais, cidade onde nasci e morei por longos anos. A infância e a adolescência vivi numa casa com quintal que descia, em suaves níveis, até a margem esquerda do rio Pomba. A casa “Ainda existe.” e “Preciso ver se as lembranças estão lá dentro / resistentes ao corrosivo tempo.”

A mão da memória procura desenhar a menina que fui para que posua a realidade de antes. A cada esforço, o tecer as linhas parece feito por outra menina, “esperando que apareça/ a moça encoberta/ pela

minha saia comprida”. Algumas experiências da infância foram essenciais ao desenvolvimento de minha linguagem poética e às tensões das imagens que as alimentavam. Há a vontade de entendê-las à luz do sol, mas, também, recorro às sombras que preenchem os pedaços do tempo e dissipam o excesso do maravilhamento de formas, sons, significados, símbolos e alma, assim como o da força muscular da palavra incerta, insólita, mas excepcional, que se dilui em tonalidades de claro-escuro e ideias de firmamento e chão raso, porque se reconhece que “o poema devasta o esconderijo da vida.”

A infância representa a simbólica Babel de transformações, sensórias, afetivas, e de abstrações do espírito em seu triunfo intelectual, aspectos que estimularam a formação do tecido do meu corpo poético. Acredito, apoiada nos ensinamentos de alguns teóricos, como Walter Benjamin, que o que rememoramos se torna mais importante e essencial do que a vida que se viveu. Há, portanto, um tempo dimensionado entre mim e minha infância, um tempo que decomponho com ambígua e alegre disciplina amorosa. Deste modo, “Engendro ruídos do acaso, labirinto de mitos,/ geografia da carne, remendos da infância” e reduzo a distância de antes e de agora “para cerzir o nosso tempo/ à superfície do abandono.”

## PRIMEIRO PREFÁCIO

Minha mãe, em uma manhã de conversas com amigas, contou que eu havia mamado na joaninha. Escutei isto em profundo silêncio, empurrando a imagem para um poço de aturdido mistério e fascínio. Só, fui à horta ver a mãe-de-leite. Segurei-a, com delicadeza, revirando seu corpo à procura das tetas por entre os curtos pelinhos pretos da barriga. Onde o róseo molusco dos seios? Onde a criança que acreditava nos rumores do sonho? “Busco a indigência dos sentidos,/ cavo espaços enfermos

na beleza/ e indormidas ruínas na comunhão do êxtase.” “Recolho os devaneios que... os olhos são poços da infância/ que molham e guardam o olhar.” Angustiada e com medo do engano e perplexa pela ilusão do real, perguntei à minha mãe como fora possível eu ter mamado numa joaninha. Ela riu muito e, me afagando a cabeça, me revelou que Dona Joaninha, a mulher que morava defronte à nossa casa, havia me amamentado por uma semana. ”Peço que lembres do que construí/ camuflada no caos da infância./ Enclausurada nas palavras/ deixei-as emendadas na garganta.” O estranhamento de antes se transformou no sopro da vida possível de ser inventada e carreguei a infância feliz para dentro de um casulo, onde me abriguei, com mansidão e sofrimento, e me transformei em solidão e poesia.” Quem me vê andando entre os muros/ e se aproxima abrindo/ a parede de chumbo da infância?/ Que beijo ganho por ser tão menina?”.

A imagem da joaninha representou meu primeiro gesto de desconcerto da evidência do mundo e ordenou, na infância, um especial modo de penetrar na realidade a matéria do sonho e de fabricar o paradoxal, o estranho, o insólito na construção da geometria de meus versos. Penso que segreguei desta experiência o flexível, a recusa à racionalidade em sua dimensão de gravidade e peso, me ajustando com ternura e fúria à incoerência da vida. E a este reino conquistado pude, enfim, dizer: “Ah, grisalha natureza do acaso/ intumesça seus estames/ antes que se queime, para sempre/ o êxtase crispado desta solidão./ De mim.” Percebo um tecido maternal nos meus versos quando me entrego à imagem da joaninha, esta “pequena sílaba da memória”, esta “massinha de alma/ passeando pela couve”, e que “por ser tão luminosa, grácil e bela,/ ninguém sabe dizer, nem mesmo os anjos,/ o que faz esta órfã da infância/ ter o sol dentro do corpo / e iscas de rubis pescando o sol-posto.”

## SEGUNDO PREFÁCIO

Em incerto tempo, tinha dificuldade na leitura de um livro, pois era-me difícil a tarefa de engatar as palavras umas às outras para compor o claro fio do entendimento. Criava armadilhas para prender os significados, como num ritual de magia. Punha-me, por exemplo, atrás da porta, debaixo da cama, sentada no peitoril da janela, pois acreditava que havia uma relação mágica entre a postura do corpo e a compreensão da obra literária. “Lia em voz alta o livro/ para que o corpo das palavras/ lhe desse forma de moça,” “No esforço de ler,/ as palavras atritam as juntas”, “Os ruídos misturam as palavras/ empoleiradas no varal do mundo”. “Curvo-me sobre a noite/ e tento encontrar palavras/ para dormir comigo” Mas o enigma do entendimento era uma lasca de sombra, apenas um tom de majestade na voz, aspectos que pensava serem capazes de abrir a palavra, fechada em um mundo sem nome. E “que nome [ eu dizia] se domestica/ para fazer-se eterno/ no comando da vida?”. “Será a palavra luminária de um pretérito/ signo mais que perfeito/ de um espaço cúmplice e indecifrado?”. Ou “será a sombra desta palavra/ que transita sob o poema?” A infância “Remenda com madrepalavras/

e gaios ramos de flores/ as intrincadas leituras humanas/ para que as frases consumam/ sua própria substância e aroma.”

## TERCEIRO PREFÁCIO

Dispor da interpretação da coisa narrada foi possível graças a um acontecimento que julgo circunscrito a um espaço mítico. Uma menina canta alguma coisa. Súbito, entra-lhe no canto palavras sobre um boi no quadrado. A imagem deste boi, sozinho no alto do morro, dentro de um quadrado de arame farpado, visto há muitos anos atrás, solta-se de sua prisão e vem ser o lamento da tristeza retido nos ossos da sua solidão.

Esquecida a música, por instantes, fica o poema. A percepção do mundo que me havia sido doada foi um deslumbramento que me sufocou de alegria e paixão, e gritei na entrega de minha vida: “estou salva”. A partir daquele momento, a poesia segurou a minha mão, vestiu-me de rendas e esmeraldas, penteou meu cabelo, calçou-me os sapatos; deu-me colares de amor para ver o que era cambiante e infinito; tornou a inventiva um devaneio, lúcido e coerente; armou os símbolos do tempo e da morte; mostrou o espelho angular em que se refletem os nítidos fragmentos da linguagem; enxugou o excesso do calor das impressões, físicas e mentais, e articulou, racionalmente, a desordem do pensamento. “É um poema se penso tocar o gerânio?”

A minha entrega ao poema, “O boi no quadrado”, me deu a noção do aspecto mágico da linguagem. O que me vinha à alma era a sensação da unidade ascensional que o mistério articulava no meu tatear o mundo, enquanto exclamava: “...não mexas no boi” “...não batas no boi/ que o boi quer dormir/ sonhando que a noite/ subindo das noites/ sobe-lhe nas costas./ E lá se vão eles/ o boi e a noite/ atrás da saudade.”

Rosário Fusco, com quem, anos mais tarde, conversava sobre obras e autores e sobre o papel que Cataguases devia retomar no campo da literatura brasileira, tomou conhecimento desse poema e sugeriu modificações, o que recusei, até com certa violência, pois não podia modificar o corpo mítico do poema. Recebi de Fusco, do mesmo modo de que outros escritores – e aqui destaco as presenças de meu tio e de Hernâni Cidade – estímulos e conselhos para o exercício do escrever. Incentivaram, também, o sonho meu e de Francisco Marcelo Cabral em editar uma revista literária, o que se concretizou nos anos 1948-1949, com *Meia-Pataca*. Acrescento a esta breve menção histórica o nome de Marques Rebelo, cujo apoio se fez tão essencial e relevante, que sem ele teria sido quase impossível existir a revista.

## ESCRITURA

Quando a poesia se fez um campo, onde o imaginário desvelava a realidade, em gozo e beleza, e a palavra era um desafio no transpor as experiências de vida em consciente linguagem poética, busquei a presença de Francisco Inácio Peixoto, meu tio. Foi ele o meu primeiro leitor e crítico.

Cataguases, na década de quarenta, movia-se em arte, num latejar de ideias, projetos e produções de cunho artístico. Não cabe nesta narrativa enumerar a modernidade, comandada por Francisco Inácio Peixoto, no esforço e trabalho em recriar a sua cidade, pelo estímulo à construção do Colégio Cataguases, aquisição de quadros e esculturas para compor o acervo do futuro Museu de Arte Moderna, incentivo às atividades literárias, intelectuais e estéticas dos novos escritores, cineastas, pintores, atores ou aos apaixonados pelo fazer outras formas artísticas, cerzidas pelos pespontos de desejo, de delírio e de astúcia. Sua figura avultava sobre este universo plurivalente de realizações artísticas e representava o eixo central do imaginário simbólico de Cataguases. Ainda hoje, sua memória interfere no pensamento e nas ações em que se fundamenta o contexto político da cidade, em suas múltiplas vertentes culturais.

Devo a Francisco Inácio Peixoto meu aprendizado primeiro na construção do poema e no amadurecer as algemas da realidade. À noite, era para sua casa que me dirigia, tremendo os poemas na mão, pensando se haveria um peso excessivo nos versos, mesmo que fosse o de palha ou de nuvem. Sentava no chão, junto à espreguiçadeira, belíssima, azul e branca, obra de Tenreiro, onde meu tio se recostava, após o jantar. Entregava-lhe meus poemas manuscritos e o ouvia reclamar, sempre, da dificuldade da leitura, pelas letras, bambas e tortas. Era um longo silêncio este encontro de poesia caminhando na mão inquieta de meu tio que, às vezes acompanhada de murmúrios, esmagava com o dedo uma vírgula caída de mau jeito, tocava a palavra contraditória e ingênua ou apontava a sintaxe dúbia. E depois, vinha a voz, com cruel doçura, me dizer que, apesar destes cascalhos, o poema tinha um certo frescor e secreta substância onírica, e, portanto, era bom. Era com este adjetivo que expressava sua aprovação. Ao escutar o veredito, ultrapassava o tempo, pulava as cercas da escuridão e me entupia de alegria e emoção.

Em outras ocasiões, me aconselhava a guardar o poema na pasta. E isto, para mim, apontava o descuidado ajuste da inteligência

criadora e a vulgarização da beleza, sensações que me causavam ansiedade e dúvidas. Explicava-me que esquecer o escrito representava o necessário distanciamento para que, posteriormente, pudesse olhar os versos como um objeto a ser reconstruído pela linguagem em sua plenitude de sedução. Relembro seu jeito de inclinar a cabeça sobre o papel e o bigode costurado em cima da boca pelo reflexo da luz que vinha do spot no teto. Mostrava-se atento às minhas inquietações em lidar com o exercício difícil da construção do poema que exigia rupturas, cortes, remendos até que, reconstruído pelo espírito criador, se firmasse na página, em equilíbrio e silêncio. Suas palavras reforçavam ser necessário o conhecimento das forças estilísticas e estruturais da linguagem, a fim de receber o pensamento poético, mais rico e elaborado em suas imagens e signos.

Eu conhecia sua importante participação no movimento modernista brasileiro com a publicação de *Verde* e havia lido muito de sua rica e expressiva produção literária. Avulta sobre tudo isto a ressonância do afeto de meu tio, o familiar aconchego à emoção estética, em exigir de mim o que estava confinado, em crepuscular promessa, para se romper em arrebatamento poético. É com o coração que escrevo sobre sua presença em minha vida familiar e literária. Dou a ele meus quinze anos de idade com suas estranhas e impetuosas imagens, nascidas das experiências da infância e a elas acrescento muitos anos no alcance do lento e sofrido aprendizado da literatura.

Agradeço a meu tio, Francisco Inácio Peixoto, ter-me ensinado a transformar as formas nebulosas de minha expressão poética em nítidas estrelas.

Quando publiquei meu primeiro livro, recebi dele uma carta, onde dizia: “Sempre gostei de sua poesia, onde encontro uma linguagem mágica que me entenece. Desde os vagidos iniciais, você nunca me desmereceu.”

Nota: os versos transcritos neste artigo pertencem aos livros: *Algun dia*, *Entretempo*, *Dialeto do corpo*, *Água polida*, *Prefácio de vida* e *Os bichos da vó*, de minha autoria.

Brasília, agosto de 2013

## Permissão do poema

Lina Tâmega Peixoto

Peço permissão ao poema para que eu o escreva. E interrogar, como se faz com as plantas, o corte, o recuo, o tocar das mãos, o enleio do medo, os estandartes do corpo. E recolher no fulgor dolorido da linguagem a manhã balançando-se em juncos brancos e a luz mergulhando o rosto na água. Que o poema permita que eu esteja presente ao desfalecer de sua beleza e à cruel louçania da criação.

Preciso de traço e fascínio para levantar os versos como os caules entremeiam espaços para firmar o olhar da rosa. Que o martírio do silêncio e do mistério não rascunhe a frente da palavra mas me conduza a uma escrita feita de meu próprio sopro.

LINA TÂMEGA PEIXOTO

cataguasense, é poeta e reside há longos anos em Brasília. Em 1948, junto com o poeta Francisco Marcelo Cabral, fundou, em Cataguases, a revista Meia-Pataca.

# MEIA-PATACA

QUEM SE  
LEMBRA?

FRANCISCO MARCELO CABRAL

---

**N**ão tenho nenhum exemplar à mão. Mas foi uma bela revista, impressa em papel couché, que serviu de berço a dois poetas: Lina Tâmega Peixoto e eu, nesta ordem de importância. Mas é preciso que se diga: embora o poeta Ronaldo Werneck em seu poema-exaltação *Pomba Poema* visualize um “Chico Cabral compondo Lina por Lina sua Meia-Pataca”, belo verso de um belo poema, *Meia-Pataca* inteira foi obra da Lina. Era ela que, além do parentesco ilustre – Peixoto, ilustre por causa do Francisco Inácio – tinha a verdadeira vocação das letras, tão consistentemente confirmada depois. Digo mesmo – e disse-o em *Inexílio* – Lina foi minha mestra. Sua escritura sutil, sua sensibilidade irreduzível às platitudes do discurso trivial, marcaram para mim a extensão e as fronteiras do território em que viceja o poema – essa infração, essa refração, essa contínua derrapagem nas estradas do idioma, esse artefato como todos inútil, mas capaz de deflagrar a centelha da desbanalização e reavivar a fala e suas falsetas.

Sem metáforas: *Meia-Pataca* inteira foi obra da Lina. Edição, diagramação (com umas dicas do Rosário Fusco), secretaria, redação de sueltos e resenhas, enfim, ela estava em todas. Eu fui o bó da redação e fiz algumas resenhas por ordem dela. À nossa volta, torcendo para que déssemos certo: Marques Rebelo e Fusco (em cuja casa conheci Antônio Fraga, de quem obtive o fragmento publicado num dos números de *Meia-Pataca*, o velho Fraga que, antes de qualquer outro, me falou de Gomringer e seu *Kindgarden* – concretismo *avant la lettre* – a revelação de uma nova concepção estética que só muito depois assimilei. Uma colaboração de Marques Rebelo – transcrevendo um trecho de Verlaine em que ressalta a técnica de composição nas alterações introduzidas no texto – foi para mim a evidência de que o poema é um construto passível de aprimoramento, como eu percebia em Manuel Bandeira e Murilo Mendes (quando “ainda não havia para mim” João Cabral de Melo Neto).

Vejam o trecho de Verlaine e suas alterações: “*Au calme clair de lune de Watteau* (tirou “de Watteau” e pôs “triste et beau”)/ *Qui fait rêver les oiseaux dans les marbres* (tirou o m, ficou “arbres”)/ *Et sangloter d’extase les jets d’eaux/ Les beaux jets d’eaux, sveltes parmi les marbres*” (Num arremedo de tradução, onde não repercutem as ondas do som dos muitos “esses” e “ôs” (“eaux”): “Ao calmo claro luar belo e triste/ que faz sonhar os pássaros nas árvores/ e soluçar de gozo os chafarizes/ belos esguichos, esbeltos entre os mármore”).

Talvez eu esteja exagerando um pouco a eficácia dessa lição, mas foi um “toque” precioso para mim. Humor malicioso do Marques Rebelo,

observando os sobrenomes dos “escritores” publicados em “Meia-Pataca” – Lina Peixoto, Francisco Inácio Peixoto Filho, Luciano Peixoto Garcia, Dedé Peixoto e S. Alberto Parente (um poeta angolano, eu acho, cuja colaboração foi o próprio Marques que nos enviou) – “na *Meia-Pataca*” quem não é Peixoto é parente” (Nota: e muita gente desconfiava que o Francisco Marcelo Cabral omitia por modéstia um “P” em seus sobrenomes. O ninho de “*Meia-Pataca*” foi a casa de Francisco Inácio Peixoto, melhor dizendo o seu “salão” onde resplandecia, ao lado do dono da casa, o gênio carioca de Marques Rebelo (cuja amizade sempre me honrou e durou até sua morte) e que foi frequentado por gente como Walter Benevides, João Cabral de Melo Neto, José Moraes, Luciano Maurício, Cecília Meireles e tantos mais. As duas figurinhas de jovens poetas – Lina e eu – vamos reconhecer: talentosos ou, pelo menos, promissores – despertaram a solidariedade desse grupo de intelectuais que andava pela casa dos 40 ou 50 anos, talvez menos.

E foi assim que nasceu a revista, extremamente cuidada graficamente, sem qualquer “agressividade” de gente jovem. Sem qualquer malícia na seleção das colaborações que nos chegaram, Lina e eu fomos os melhores poetas publicados por *Meia-Pataca*. Quem quiser que confira. E assim como o salão de Francisco Inácio Peixoto gerou *Meia-Pataca*, gerou *O Centauro*, edição de 1.000 exemplares (que eu levei anos e anos para esgotar sob a forma de presente compulsório), composto e impresso na Tipografia Ribeiro, em 1949, para a inexistente Editora Meia-Pataca (leia-se Edição (do Pai) do Autor). E o livro de Lina, *Algum Dia*, editado lindamente em 1952 pela Editora Hipocampo, do poeta Thiago Melo, e de que eu infelizmente não tenho nenhum exemplar. Lina e eu construímos uma obra pequena (Guimarães Rosa me chamava de “escasso produtor”, com amizade e cobrança). Pelo prazer e por compromisso intelectual, Lina é uma leitura obrigatória.

E para terminar, permitam-me relatar a cômica experiência de súbita e subida honra e posterior desabamento, vivida pelo escritor que vos fala. Publicado *O Centauro*, num rompante de generosidade e hipérbole, Rosário Fusco declara – numa entrevista concedida a José Condé e publicada no suplemento literário de *A Manhã* – que “o poeta de sua preferência era Francisco Marcelo Cabral (depois vinham Carlos Drummond de Andrade e Emílio Moura), um poeta de 19 anos, autor de *O Centauro*”... A modéstia me impede de mencionar o tipo de comédia alegre que se apossou deste humilde bardo (que isso, bardo é Shakespeare!), temperada pelo sadio orgulho de ver seu ainda desconhecido nome estampado num jornal de ampla circulação (menos em Cataguases, é claro). Vocês podem imaginar o barato!

Agora o revertério: numa pequena nota (pequena para você, filho ingrato, não para um artista – este – sensível, antenado nas primícias de uma merecida fama) alguém cujo nome esqueci (até Freud etc....) comentando a entrevista, sai-se com esse despautério (estou citando de cor, embora não de coração): “Rosário Fusco é mesmo um gozador (*espero que não tenha sido algo tão demolidor assim*). Perguntado sobre qual o poeta de sua preferência, respondeu: ‘Francisco Marcelo Cabral, um rapaz lá de Cataguases’. Vocês podem calcular o impacto desse advérbio de lugar “lá de Cataguases”? Leiam a frase sem esse monossílabo tônico: “um poeta de Cataguases”. Soa bem melhor, não? Então, até lá. Quer dizer, até aí em Cataguases, qualquer dia desses.

## MARCELO CABRAL & GUIMARÃES ROSA

O poeta Francisco Marcelo Cabral (Cataguases, 1930) reside há longos anos no Rio de Janeiro. Livros publicados: *O Centauro* (1949), *Inexílio* (1978), *Livro dos Poemas* (2003), englobando, além dos dois livros anteriores, *Baile de Câmara*, *Poema em 3 Cantos* e *Pedra de Sal*. Nos anos 1950, trabalhou no Serviço de Imprensa do Ministério das Relações Exteriores, onde conheceu Guimarães Rosa e se tornou seu amigo. Foi um dos primeiros leitores de *Grande Sertão: Veredas* e *Corpo de Baile*, em fase final de elaboração, tendo acompanhado de perto a datilografia dos manuscritos.

Daquele período, tem guardado até hoje os originais de seu livro *Pedra de Sal*, repleto de notas e comentários do autor de *Sagarana*: “Este Sagarana para o Marcel Francisco Marcelo Cabral que, na ocasião (1946), eu ainda não sabia que conhecia; – e que, mesmo por isso, depois vim a conhecer demais; isto é – Amigo – e, em meu entendimento de amizade, o Guimarães Rosa. Rio, 1956”.

Cabral guarda ainda um telegrama sem data recebido de Rosa: “Dr. Marcel Ovate Cabral – Praia de Botafogo – Cataguases ponto exclamação Nossa Vitória etcetera e glória ponto Cantado o peixe vivo Exultarei séculos Guimarães Rosa”. E também alguns poemas enviados por ele:

## Ódiamarcel

Guimarães Rosa

Quando as luzes e o azul se converterem em sincera distância, mais que ausência, e, à paz de frios céus de nova infância, no suar, floresta e fogo se ajuntarem.

Então, Marcel, poeta, vate insano, desirmanado e escasso produtor, traduzindo epistaxis e troiano docemente das lágrimas da gente,

poderás. E, podendo, será mente e matéria – veneno de serpente, bagaço mineral incandescente. Assim, dirão, convém Marcelo tente acertar a emoção, atentamente, para que sua musa de alabastros cante o que na vida val: metal sonante!

## Soneto

Guimarães Rosa

Quando tudo acabar e ficar sendo nossa ternura apenas a lembrança de um amor que, passado, ficou sendo a mais morna e romântica lembrança;

quando o amor acabar, já não havendo carne para queimar, que o corpo cansa, e o que é melhor em nós brotar, havendo uma calma paixão que descansa a provocar no peito o mesmo fluxo – mas manso agora, apenas um reflexo das altas ondas em que navegamos –

saberemos que o laço não se quebra o que tudo ficou, e tudo lembra o que não se acabou, que abandonamos.

I

Quando o fim se fizer novo roteiro e a ternura que é nossa for diversa: passado trespassado de esperança, temperada ilusão, violência mansa, minha vida na tua se dispersa e a poesia dá uivos no tinteiro.

II

Marcel – que sejas sempre bom mineiro navegando mancebo em ondas baixas e calada a paixão que porventura te instigue a queimar de uma criatura o corpo (tarado não és, se achas: carvão: amor em estado verdadeiro).

### FRANCISCO MARCELO CABRAL

poeta cataguasense, um dos criadores da revista *Meia-Pataca*, autor de *O Centauro* (1949), *Inexílio* (1978), e *Livro dos Poemas* (2003), que engloba, além dos livros anteriores, *Baile de Câmara*, *Poema em 3 Cantos* e *Pedra de Sal*.

# Ave (Guilhermino) Cesar!

**M**eu primeiro contato com Guilhermino Cesar foi em setembro de 1967, no Clube Social Cataguases: rápido e superficial. Era a festa dos 90 anos da cidade e naquela noite foi encenada uma peça e houve o lançamento de um Suplemento do *Jornal Cataguases* que Joaquim Branco e eu organizamos, com textos e poemas que mostravam a trajetória artística da cidade, de *Verde* à nossa geração – que começava a despontar naqueles meados dos anos 60.

Rosário Fusco fora, porque “em plena crise hemorroidária” – como nos dizia em bilhete enviado de Friburgo –, estavam ali, mais que maduros, todos os *verdes* remanescentes: o lépido Guilhermino, o Francisco/Chico com sua “peixotal” figura, o “doutor” Martins Mendes, o Enrique de todos os Resendes. No improvisado palco, apresentávamos *Carta aos ASES*, primeira e única peça que Joaquim e eu escrevemos e dirigimos: um poema feito a quatro mãos mais uma colagem de textos extraídos do Suplemento que, por sua vez, fora extraído da mina (que na época ainda parecia inesgotável) de palavras preci(o)sas produzidas em Cataguases, dos anos 20 à década de 60.

Todo mundo no Clube Social, com direito até a Humberto Mauro e Marques Rebelo. O papo com Guilhermino foi nada mais que formal e não chegou a se aprofundar nem mesmo quando, mais tarde, fomos quase todos para a casa do Chico Peixoto. Ali, apoiado em sua elegante piteira e displicentemente estendido numa *chaise-longue*, Marques Rebelo era a estrela solitária a subir e brilhar no firmamento de tiradas ferinas que ribombavam no rio e na rua do Pomba. Vários espelhos partidos depois, saímos eclipsados pelas *boutades* do Marques e nos perdemos no pó, no

tempo e no espaço: eu voltei pro Rio, o Guilhermino pra Porto Alegre, e passamos doze anos sem nos ver.

Nesse meio tempo, tinha notícias esparsas dele através do Rosário Fusco, do Chico Peixoto, do Joaquim Branco e do Francisco Marcelo Cabral, que estava produzindo um filme do Paulo Martins sobre a *Verde* (nunca vi sequer um dos fotogramas, nem sei se o copião ainda existe, mas Chico Cabral me afirma ainda hoje que a entrevista do Guilhermino estava ótima). Muitas vezes as notícias vinham por matérias de jornal que anunciavam sua redescoberta de Qorpo Santo, ou se detinham em sua fantástica biblioteca.

E confesso que era às vezes assomado por súbito orgulho provinciano quando via Guilhermino despontando entre os mais conceituados professores universitários do país. Mas o que batia mais fundo era mesmo a força de seus poemas: “Abram a porta,/ ela precisa entrar/ para ser tratada./ Sim, parece nada,/ mas, na linguagem, toda ferida/ é grave/.../ Vejam bem. Feriu-se de noite,/ na ultrapassagem do som?/ Ou foi, no claro, sem ver/ o perigo? O muito claro/ não lhe serve nunca/ se a linguagem pretende/ chegar à poesia./ Cuidem bem dela;/ tenham paciência./ A linguagem se aviva/ com poucas palavras./ As precisas”.

Nos vimos pela segunda e última vez em 1979, quando do relançamento da Revista *Verde* em Belo Horizonte. A coleção de *Verde* que possuo, devidamente autografada, foi presente do José Mindlin, da Metal Leve, que acabara de republicar todos os exemplares da Revista em cuidadosa edição fac-similada. Além de Mindlin e de vários escritores mineiros, o relançamento de *Verde* no Palácio das Artes contou com a presença de três dos participantes do movimento: Camilo Soares, Cristóforo Fonte-Boa e Guilhermino Cesar, que havia feito um então

emocionado e já histórico prefácio sobre *Verde & seus velhos companheiros* na aventura, que vinha encartado em um fictício número extra da Revista, junto com os fac-símiles. Rosário Fusco morrera há coisa de dois anos e Chico Peixoto ficara em Cataguases, adoentado.

Convidado pela prefeitura de Belo Horizonte, acabei hospedado no mesmo hotel dos *Verdes*. Lembro de longos papos com Guilhermino no saguão do hotel e de um jantar com os cineastas Ricardo (*Tostão, a Fera de Ouro*) Gomes Leite e Paulo Augusto (*Verdes Anos*) Gomes. Foi quando um convite inusitado fez crescer minha admiração pelo “jovem” Guilhermino. Estava havendo em Belo Horizonte um ciclo sobre Nicholas Ray e fomos chamados para um debate após a exibição de *Rebel Without A Cause*, o filme-ícone de James Dean e da juventude transviada dos anos 50, dirigido por Ray.

Não acreditava que Guilhermino aceitasse o convite: cinema, James Dean & Nicholas Ray não pareciam fazer parte das preocupações fundamentais do poeta. Ledo e inacreditável engano. Sentado a seu lado durante a projeção, às vezes entreolhava Guilhermino, pensando que o filme o estivesse aborrecendo. Qual o quê! Após a sessão – e para surpresa geral – ele participou ativamente dos debates, demonstrando um inesperado conhecimento sobre a obra de Ray, sobre o mito James Dean e principalmente sobre cinema, para espanto dos jovens cineastas presentes. Na véspera, ele me autografara a *Verde* escrevendo qualquer coisa como “Para o Ronaldo, poeta e amigo, do velho Guilhermino”. Bobagem: ele nunca foi tão jovem como naqueles dias em BH.

Dois anos antes de nosso reencontro, Cataguases e o acaso nos reuniram na mesma página do Suplemento *Idéias*, do Jornal do Brasil, em matéria que abordava o recente lançamento dos livros de “dois poetas cataguasenses”: o meu *Pomba Poema* e o *Sistema do Imperfeito & Outros Poemas*, do Guilhermino, que a bem da verdade nasceu em Eugenópolis. Foi quando me surpreendi com a (re)descoberta de seus poemas de rara dicção/erudição, um poeta senhor de si e de seu instrumento de trabalho, maduro e devidamente distante dos *verdes* rompantes dos longínquos anos 1920.

Poemas onde a poesia explode em fragmentos como “Os mares foram homeros lagos/ antes de St.-John Perse?/ Ou são/ agora, outra vez, os mitos/ depois de St.-John Perse?/ .../ Perse! St.-John Perse na trapaça:/ a coisa é simples como uma preá, uma vaca/ pastando as flores do cemitério”. Ou, ainda, “Muito antes da manhã, o poeta,/ animal astuto,/ pula da placenta para ver o mundo./ .../ Animal astuto, o poeta./ Oculta no espaço/ a ignorância de si mesmo”.

*Sistema do Imperfeito* revelava um Guilhermino capaz de um ritmo de sutis ondulações, mescla de alexandrinos binários ascendentes, de perfeita cesura, com decassílabos biternários, coisa de maestro orquestrando suas palavras-instrumentos, como neste *Trabalho*: “São três e quinze da manhã e faço versos/ à espera do nascimento da barata,/ digo antes, da rosa na errata/ de um velho poema com rimas de apoio./ Fiz esses versos antes de Manuel/ Bandeira, muito antes de Homero/ .../ Faço versos com os alexandrinos (o incerto/ritmo do Egito), debaixo de obuses e cruces/ de treponema pálido./ Mas não há remédio?/ Hay./



Faço versos até anoitecer em Praga/ faço versos até endoidecer aqui/ .../ para esperar a ressurreição da poesia/ a pobre desesperada/ no Lixo”.

“Gente é pra brilhar”, já dizia Maiakóvski. Tessitura de vida que remete de novo ao poeta Guilhermino. “Mergulhar? Mergulho/ onde quer que surja/ uma nesga de gente/ – gente é que me tenta./ Na paisagem? Não,/ mergulho nas tripas/ de Luzia, Cássia, Andréia, Joel/ – tripas ainda quentes;/ é o que me tenta./ No lábio?/ Sim, no lábio/mergulho no escuro/ do verso não dito/ no escuro-e-alvo/do mito”.

Último dos cinco grandes “rapazes” da *Verde* (ao lado de Ascânio Lopes, Francisco Inácio Peixoto, Enrique de Resende e Rosário Fusco) Guilhermino Cesar partiu há exatos 20 anos, em 1993. Como se diz, para sempre. “Província do mundo em decadência”, no dizer do poeta Francisco Marcelo Cabral, Cataguases ficou ainda mais pobre. Sobra a poesia, as palavras do poeta: “Foges? Eu fico./ Não desistirei da tua, da minha explicação,/ agora e no fim do entrudo,/ enquanto houver a fonte, o fogo, a sorte,/ enquanto o último homem/ tiver aberta a sua chaga”.

Mas o poeta se nutre de poesia como “O escuro se nutre de alvas/ o claro de escuridões./ Poemas, de que se nutrem?/ De poesia algumas vezes/ como o Diabo se nutre/ de Deus, quando Deus existe”. Depois, que diabo!, “Doente de poesia/ não tem alívio nem cura/ a menos que se interne/ sozinho/no espaço incriado./ No diamante não serve; é/ demasiado claro./ Convém-lhe o resguardo/ dos recém-nascidos: olhos no escuro/ vômito contido./ O mais é deixá-lo/ gemer à vontade”

A poesia de Guilhermino Cesar permanece, impávida: “Ora bolas, rapaz. De que tonel/ beberemos agora? Já não quero ser rei./ Ora bolas, rapaz. Tudo se acaba um dia,/ aqui ou no Arco-de-Val-de-Vez./ O Czar soube disso. A rosa é que não sabe ainda;/ nasce cada manhã num verso que o poeta estragou./ Ora bolas, rapaz. Não me diga o que pensa/ ou não pensou fazer./ Deixe-se afogar em coisa alguma,/ e acabou-se”.

# Bilhete para Cataguases

A Sé Velha bate que bate:

*A poesia chegará.*

Pousei na quinta, na uva,  
tenho a marca dos meus pés  
desenhada no areal.

*A poesia chegará.*

Não quero mais o teu seio  
Amordacei o desejo.

*A poesia chegará.*

Mas então, por que sonhar  
outra ordem tolerável

– caminhos de Aracati  
e nas flores, desfolhado,  
o riso deste menino?

A Sé Velha bate no abismo:

*A poesia chegará.*

Peço a linguagem cifrada,  
azul fervendo no mel,  
a linguagem do Hölderlin  
para dar ao meu irmão  
recém-nascido no espaço  
entre Mercúrio e Saigão.

Só isto. Reformar o mundo  
não quero. E muito menos  
reviver o fantasmal,  
ser Barão de Penacova  
ou jardineiro em Lorvão.

*A poesia chegará.*

Se é possível aspirar,  
eis a minha aspiração:

Pelo sino da Sé Velha  
achado no temporal,  
por aquele som lavado  
medir vida, medir passo,  
versos, soluços, abraços.

*E a poesia chegará.*

# Viagem

O destino: Cataguases.

Quero depressa chegar.

O motivo da viagem

Não é segredo nenhum,

Virá nas folhas de cá:

– Embarco para Cataguases,  
Que lá vão me enterrar.

Por favor, façam depressa

O transporte para o chão

Do meu corpo e seu fedor.

Não deixem pelo caminho

Mazelas que foram minhas,

Herói de infeliz amor.

Me arquivem logo no chão,

No frio barro vermelho

Do outro lado do rio,

Um pouco depois da ponte

(Com licença do Ouvidor).

Cubram, idem, o monturo

Com pedra, areia e cimento,

Mas não deixem nenhum brilho,

Nenhum sinal exterior

Que inda aos pássaros engane,

Que a visitas e coveiros,

Jornalistas e parentes

Recorde o silêncio escuro

Em que dormindo me fique.

Depois, me larguem, me olvidem.

Que eu seja bem digerido

Pelo chão de Cataguases,

Reino de Minas, Brasil.

## Guilhermino Cesar

Dois poemas de *Lira Coimbrã e*

*Portulano de Lisboa*

(Livraria Almedina, Coimbra, 1965)

CINEMA

RECREIO

CATAGUAZENSE

**HUMBERTO**

**MAURO**



*Plano Geral & Poesia*

*Há exatos 30 anos, novembro de 1983, morria em Volta Grande o cineasta Humberto Mauro, que captou a luz de Minas em grandes e poéticos planos – e fez em Cataguases os melhores filmes da fase pioneira de nosso cinema*

**A**lém Paraíba, Minas Gerais, outubro de 1983. O velho cineasta acorda num hospital, a família em volta: “Ué, eu já morri?”. Como todos os iluminados pela inteligência, o cineasta mineiro Humberto Mauro (Volta Grande, 1897-1983) era muitíssimo bem-humorado, um eterno curioso, atento ao mundo à sua volta. Foi o que o levou a fazer cinema. Primeiro, atraído pela técnica; logo, senhor dela, criando com seu grande talento uma linguagem própria e sempre inovadora. É numa Cataguases com menos de dez mil habitantes que a família do imigrante italiano Caetano Mauro chega em 1910. É ali que seu filho, o jovem Humberto Mauro, vai viver até o início da década de 1930. Viver e iniciar o universo de inquietações que o faria sucessivamente goleiro de futebol, remador, jogador de xadrez e de sinuca, fotógrafo, eletricitista, radioamador, músico, dramaturgo, ator, autor, roteirista, montador, diretor e arauto do cinema.

A paixão pelo cinema surgiu da fotografia. Nos tempos de sua mocidade, Humberto Mauro trocou sua valiosa coleção de selos por uma máquina fotográfica, como ele mesmo narra: “Dona Lucília Taveira tinha uma Kodak que já me emprestara e eu fiquei doido por aquela máquina. Perguntei-lhe se não queria trocar por minha coleção de selos e ela aceitou. Foi assim que consegui minha primeira máquina fotográfica, que me ligou a vários fotógrafos, um deles o Seu Pedro Comello. A coleção de selos foi o princípio de tudo, a causa do meu começo no cinema lá em Cataguases”. Esse “Seu Pedro Comello” era um imigrante italiano (Novara, 1874-Cataguases, 1954), “pintor talentoso, retratista por excelência, dotado de grande habilidade artesanal”, como descreve Paulo Emílio Salles Gomes in *Humberto Mauro, Cataguases, Cinearte*. Mauro junta-se então a Comello e – com uma Pathé-Baby 9,5 mm, pequena câmera utilizada à época para registro dos chamados “ABCs” (Aniversários, Batizados, Casamentos) – já se inicia no cinema como autor. Ao invés de filmarem as famílias, eles partem logo para uma fita de ficção.

“Valadião, o Cratera”, curta-metragem de 1925, foi um filme-piloto que atraiu o comerciante Homero Cortes para “esse negócio de fazer cinema”. Conquistado, Homero vai ao Rio com Mauro e voltam de lá com uma Ernemann 35 mm, câmera profissional. Logo, junta-se a eles outro comerciante, Agenor de Barros, e fundam uma produtora, a Phebo Sul America Film. Com Pedro Comello na câmera, o cineasta inicia ainda em 1925 seu primeiro longa-metragem, “Na Primavera da Vida”, que estreia em Cataguases em 1926. Como protagonistas, Francisco Mauro, irmão de Humberto (que atua com o nome de Bruno Mauro) e Eva Comello (a heroína do filme anterior, que adota o nome de Eva Nil). Mocinha dessas duas fitas, Eva fica mais conhecida pelas fotos estampadas em várias

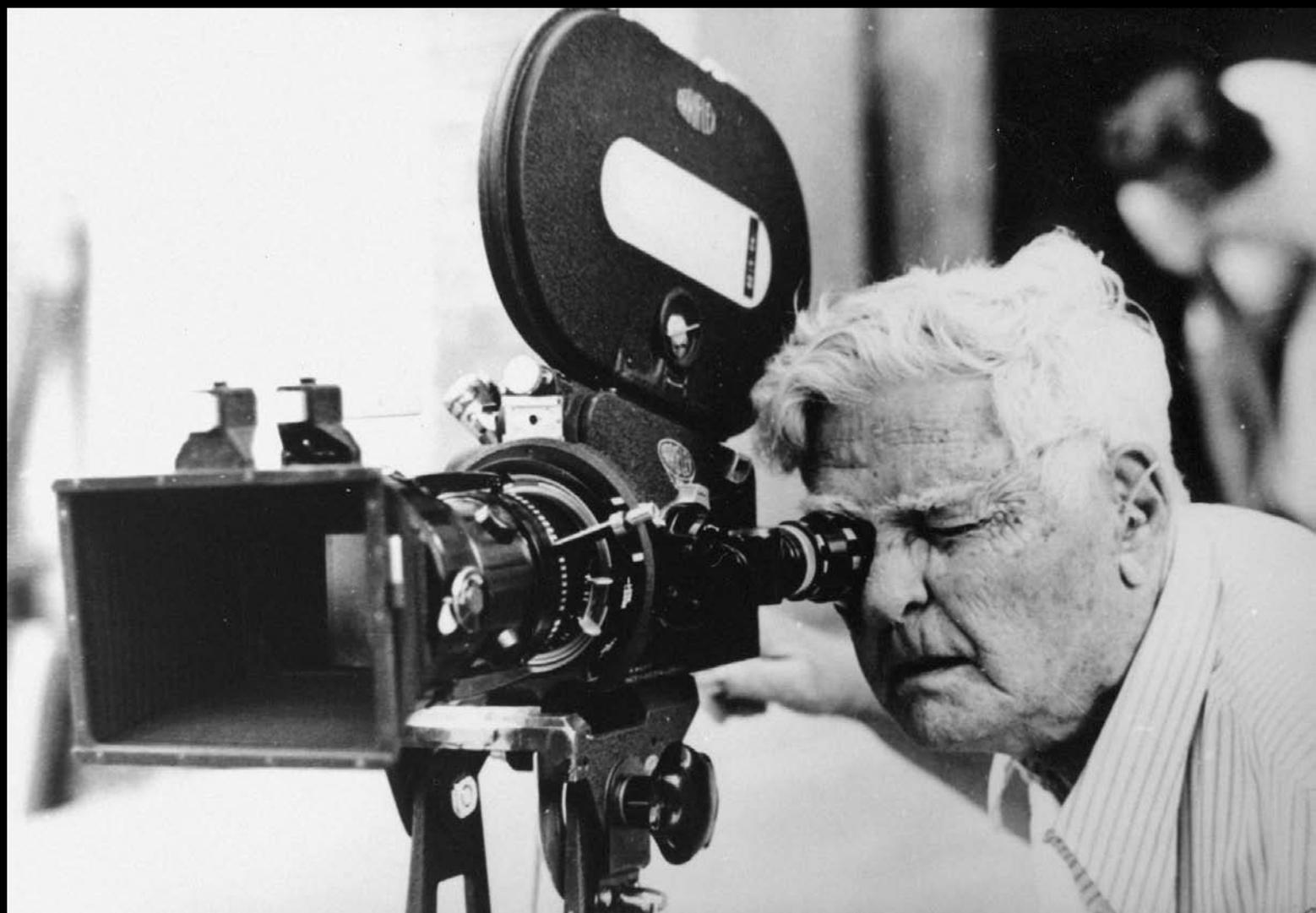
revistas da época, que a transformaram na “estrelinha de Cataguases” – perenizada pela câmera do pai, Pedro Comello.

“Humberto? ele era *dernier-cri*” – disse um dia Maria Vilela de Almeida, moça de uma ‘beleza extremamente fina’, a dona Bêbe, que nunca se esqueceu da primeira vez que o viu, “passeando a cavalo, a camisa de lã grossa com bolsos pregueados”. Moço da moda, popular, querido, Humberto Mauro se destacava na cidade. O casamento dos dois realizou-se em 1920, e durou a vida inteira. Aos olhos sentimentais da cidade, Humberto e Bêbe apareciam como o Romeu e Julieta de Cataguases: era o casal mais belo da região da Mata. Em 1926, com a saída de Eva Nil, que resolve não mais filmar com a Phebo, Mauro tem que providenciar às pressas outra estrela. Com o nome artístico de Lola Lys, Bêbe é a mocinha de “Thesouro Perdido”, sua nova realização.

Das centenas de filmes que iria realizar, este ficou como o seu predileto. Não só por contar com vários familiares como por ser a fita também uma prova do bom emprego de algumas técnicas absorvidas do contato no Rio com o cinéfilo Adhemar Gonzaga, editor de *Cinearte*, prestigiada revista de cinema. Gonzaga criticara o excesso de letreiros da fita anterior de Mauro, que a partir daí passa a “falar por imagens”, essência da linguagem cinematográfica – e como o cinema mudo se fazia entender. Mauro já demonstrava rara inventividade: na sequência de uma tempestade, feita com chuva de regador, os raios são riscados na película virgem. Nas cenas de um galope, o close das patas dos cavalos é feito com uma lata de farinha pintada de preto por dentro. Duas lentes, uma de foco longo outra comum. E Mauro inventa assim uma espécie de teleobjetiva. Impulsionado pelo frescor da iniciação, “Thesouro Perdido” já é verdadeiramente uma fita de cinema – e recebe o Troféu *Cinearte* como Melhor Filme Brasileiro de 1927. Humberto Mauro passa a ficar falado como homem de cinema. Por enquanto, do cinema mudo.

Em meados de 1927, a Phebo Sul America abre-se a acionistas, passa a denominar-se Phebo Brasil Filme, e elege seu presidente Agenor Cortes de Barros, tendo como secretário Homero Cortes Domingues. O diretor técnico é Humberto Mauro, o único assalariado – e primeiro cineasta a ter carteira assinada no Brasil. Terceira produção do Ciclo de Cataguases, “Braza Dormida” já representa um princípio de profissionalização. São contratados no Rio não só o fotógrafo – Edgar Brasil, que logo seria o melhor iluminador do cinema brasileiro – como o casal protagonista, Nita Ney e Luiz Soroa. “De qualquer maneira, precisas apresentar agora um *film* mais bilheteria. Não são beijos nem farras, mas um sensualismo elegante. Todo *film* deve ter uma boa dose pelo menos de mocidade”, dizia Adhemar Gonzaga em 1929, quando Mauro começava a elaborar seu novo roteiro.

Quarta e última produção da Phebo, com externas realizadas no Rio e em Belo Horizonte, “Sangue Mineiro” já mostra um Humberto Mauro senhor de si – e sua evolução de um filme para outro é precisa, rápida, surpreendente. A fita foi viabilizada pela participação de Carmen Santos – como protagonista e principalmente co-produtora. Esta foi a estréia de Carmen Santos como estrela: apesar de ter feito outros três filmes no Rio, seus fãs – como os de Eva Nil – só a conheciam de fotografia. Sua



entrada na Phebo significou prestígio e injeção de capital, mas não o suficiente para a produtora continuar em atividade. A atriz portuguesa vai ter grande importância na trajetória de Humberto Mauro em sua fase carioca.

Com o fim da Phebo, Mauro vai para o Rio a convite de Gonzaga, que acabara de fundar sua produtora, a Cinédia. Com pouco mais de 30 anos de idade, e revelando-se nas várias funções assumidas dentro e fora do set de filmagens, Mauro era quem mais entendia de cinema no Brasil dos anos 1930. Na Cinédia, realiza “Lábios sem Beijos”, “Ganga Bruta”, “Voz do Carnaval”. Trabalha depois na Brazil Vita Filmes, produtora de Carmen Santos, onde dirige “Favella dos Meus Amores”, “Cidade Mulher” e “Argila”. Em 1937, realiza “O Descobrimento do Brasil”, produção do Instituto do Cacau da Bahia. No ano anterior, a convite de Edgar Roquette-Pinto, inicia seus trabalhos no Ince-Instituto Nacional de Cinema Educativo – onde irá dirigir cerca de 300 documentários (grande parte com fotografia primorosa de seu filho, Zequinha Mauro) até se aposentar, em 1967. Retornando à sua cidade natal, Volta Grande, faz seu último longa-metragem, “O Canto da Saudade” (1952), e uma pequena obra-prima, o curta “A Velha a Fiar” (1964).

“A poesia do cinema está nos *long-shots*, nos grandes planos gerais. A roda d’água, por exemplo, é de uma fotogenia extraordinária. Aquele rodar lento, os musgos, a água batendo contra o sol (...) Pega um carro

de bois no topo de um morro, contra o sol, o candeeiro, o carroceiro em cima do cabeçalho – é de uma beleza incrível!” Relendo essas palavras de Humberto Mauro, extraídas da gravação de uma das muitas conversas que tivemos em 1975, relembro agora como o cinema – força tamanha – estava entranhado em sua dicção. Como se nela fluísse num navegar contínuo, sem cortes, na plenitude de um plano-sequência. Melhor: re-vedendo essas palavras, suas palavras-imagens, percebo como o cinema estava nele como se dele nascido, de tal modo que Mauro acabava sempre falando como se filmasse. E, falando, filmasse como gostava de filmar, extraindo beleza daqueles *long-shots*, daqueles *contra-plongés* que eram sua marca e assinatura: o carro de bois, o candeeiro, o carroceiro, a câmera baixa apontada contra o sol no alto do morro – paisagem por ele perenizada.

Hospital de Volta Grande. Sábado, 5 de novembro de 1983. Noite. Ao despertar, descobre-se de novo internado. Há uma semana, mas não sabia. A brincadeira do “já morri” não tem mais graça: agora está sozinho. Levanta-se ainda tonto: que ir para casa. É só atravessar a rua: mora ali em frente, na avenida com o seu nome: Cineasta Humberto Mauro. Mas não dá um passo e cai, fulminado, ali mesmo, sem ver pela última vez a luz da Mata Mineira em sua plenitude – foco de sua paixão, paisagem enquadrada a vida inteira. Minas na memória. Exterior. Dia. Para sempre.

# CELINA FERREIRA:

## A PALESTRA QUE NÃO HOUE

**A** poeta cataguasense Celina Ferreira faleceu no Rio de Janeiro no dia 5 de agosto de 2012, aos 84 anos. Como sempre desejou, ela foi enterrada no dia seguinte em Cataguases, numa comovente cerimônia onde foram falados alguns de seus poemas, como depois me disse o poeta Joaquim Branco. Dessas falhas imperdoáveis, eu acabei não indo ao cemitério, pois li (mal) o email do próprio Joaquim e entendi que a cerimônia seria no Rio.

Em novembro de 1998, ela esteve pela última vez em Cataguases para o lançamento de seu livro *Papagaio Gaio*, quando da inauguração do Anfiteatro Ivan Müller Botelho e do Café do Museu da Eletricidade. Na ocasião, preparei um texto-palestra que iria ler naquela noite, o que acabou não acontecendo. O texto permaneceu inédito por muito tempo e nem mesmo minha amiga Celina dele teve conhecimento. Eu o publico agora, como última homenagem à grande poeta que se foi.

Para o poeta-crítico Mauro Mota, “Celina Ferreira chega a um gabarito onde podia ficar. Não precisa mais crescer para ser grande”. Saudada por nomes como Carlos Drummond de Andrade, Manuel Bandeira, Guimarães Rosa, Affonso Romano de Sant’Anna, a poeta Celina Ferreira permanece ainda hoje pouco divulgada e praticamente desconhecida do grande público. Isso mais de 50 anos após seu primeiro livro, *Poesia de Ninguém*, publicado em 1954.

Esta é, assim, a melhor forma de se homenagear a poeta, de manter viva a sua voz, seja através de alguns de seus trabalhos, seja por meio da encenação dos poemas infantis de *Papagaio Gaio*, a última publicação de Celina. Os *poeminhas* de *Papagaio Gaio* são inéditos e premiados

– e a palavra *poeminhas* aparece aqui sem nenhuma conotação pejorativa. Ela simplesmente remete ao universo da literatura infantil, onde tudo é rima, remo, romã, reino de joviais papagaios e reis gaiatos e gaios. Os lúdicos *poeminhas* de *Papagaio Gaio* tiveram seu valor devidamente reconhecido por troféus como o Prêmio Brasília de Literatura Infantil da Fundação Cultural do Distrito Federal, em 1978, e o Prêmio Estadual de Literatura Infantil, do Rio de Janeiro, em 1971.

Premiados e inéditos. Essa parece ser a sina, não lá muito gaia, da maioria de nossos poetas. É difícil escrever e não ser lido. Principalmente escrever poemas, artefato cujo código de leitura apresenta certas dificuldades para o iniciante. Mas os *poeminhas* deste livro de Celina não permaneceram inéditos. Como inédita não ficou a grande maioria dos poemas que escreveu.

Após *Poesia de Ninguém*, sua estreia em 1954, vieram *Nave Incorporada* (1955), *Mundo Encantado* (Prêmio Júlia Lopes de Almeida, da Prefeitura do Distrito Federal, 1957), *Invenção do Mundo*, *O Cavalo Encantado*, *A Princesa Flor-de-Lótus*, todos os três de 1958, *Poesia Cúmplice* (Prêmio Olavo Bilac da Prefeitura do Distrito Federal, 1959) e *Espelho Convexo* (1973). Isso sem contar a coletânea *Hoje Poemas*, editada em 1966, com ilustrações de Guignard, de quem Celina foi musa.

Celina Ferreira é parte de uma geração cataguasense intermediária entre a eclosão modernista da Revista Verde, nos anos 1920, e a experimentação pós-moderna do concretismo e do poema processo, representada pelos jornais SLD e Totem, que eu e o poeta Joaquim Branco editamos nas décadas de 1960/70. Embora contemporânea de Francisco Marcelo Cabral e de Lina Tâmega Peixoto, Celina surgiu para a poesia um pouco depois do lançamento da Revista Meia-Pataca, feita por esses dois poetas na Cataguases do final dos anos 1940.

Oswald de Andrade, o grande baluarte do movimento modernista de 22, publicou um livro chamado *Um Homem sem Profissão: Sob as Ordens de Mamãe*. Celina, não. Ao contrário do “Homem” de Oswald, Celina nunca ficou sem profissão. E nem foi homem nem esteve sob as ordens de mamãe. A palavra é sua profissão. Ela nunca deixou de escrever, mesmo afastada por longo período do meio literário. Redatora da Rádio MEC, no Rio, trabalhou também no Jornal do Brasil e no programa “Olho por Olho”, da extinta TV Tupi. Escrevendo, escrevendo, escrevendo.

Mas jamais se descuidando de burilar suas gemas mais preciosas – seus poemas de rara ourivesaria que retomam o verso em toda sua força, muitas vezes resgatando a métrica, o ritmo & melodia que os modernistas haviam abandonado. E com uma dicção extremamente pessoal, única. Trabalho de grande poeta. Como dela falou certa vez Affonso Romano de Sant’Anna, palavras que assino embaixo: “Nota-se em Celina Ferreira uma constante valorização da palavra, através de colocações do vocábulo em situações únicas, ao sol, à luz, com todas as suas arestas; isto a par de uma revalorização do verso”.

Como se verá – ou melhor, se ouvirá – nos três poemas que publicamos a seguir, Celina trabalha com grande mestria a redondilha maior, o verso de sete sílabas, tão comum e batido em nossa língua, mas que nela surge com o brilho de um raro ritmo, essas redondilhas que ondulam em seus poemas numa cadência nova e altamente melódica. Isso sem contar a beleza de versos como aquele “Eu quisera ser bem clara”. Um pretérito-mais-que-perfeito: perfeitíssimo.

Pois é, *Chance & Choice/Acaso* e *Escolha*, o princípio estatístico da criação, pode aqui ser aplicado para a poesia, um lance do acaso, como queria Mallarmé. Trabalhar o acaso, no caso de Celina, ou o acaso da escolha, como ocorreu

comigo ao reler os seus poemas. De início, selecionei um texto sobre Rosário Fusco, que ela enviou para *Marginais do Pomba*, a antologia que eu, Joaquim Branco e Fernando Cesário organizamos em 1985, com textos de escritores cataguasenses de várias gerações. De certa forma, Celina nunca deixou de estar à margem — nada mais justo que ela figurasse com todas as letras em *Marginais do Pomba*.

Seu texto chama-se *P(Rosário)*, e traz já no título um inventivo jogo de palavras: prosa, prosário, prosa/rio, pro rosário. Lembro-me dela um dia me falando, não sem uma ponta de espanto, de quando conheceu Rosário Fusco, “aquele homem imenso, todo o uísque, todas as palavras desmedidas”. Vamos lá, então ao seu

#### “P(ROSÁRIO)

*“Tam-me prevenindo sobre Rosário, que não me espantasse, não medisse suas palavras ou me desencantasse com os absurdos. Ele, o próprio absurdo, rosa e rio, charada simples para quem leu Freud, mesmo a galope. E dois amigos me amparavam, temendo minha ingenuidade feita de bloqueios e sabidas defesas.*

*Nada disso. Eu ia apenas cair num poço de horror e poesia, fezes fluindo morosamente entre palavras cálidas, no puro texto rosafusco, limpo em sua agressividade humilde, quase pesarosa. Rosário falava num linguajar direto e sem retoques e eu procurava disfarçar meus enganos, decidida a chamar-lhe Fusca, não entendendo meus atos falhos e exclamando a todo instante: “Freud, que que é isso?”.*

*Flor de hemorróidas sangrentas, náusea e pânico, verso branco inserido num contexto sujo, Rosá, rosácea, rosa curtida em puro uísque escocês, que eu me servisse, perdão, eu não desejo beber.*

*E Fusca, desculpe-me, Fusco ousado, usado, agora é fácil entender. Rosário escapa de novo, que Freud vá para o diabo. E foram-se depressa, Freud, Jung, Adler. Rosário ficou, falo imenso exorbitando suas funções, punindo a terra e amando-a, trágico e impotente para desfrutar-lhe todos os horrores.*

*Eu caía de nuvem em nuvem, descobrindo íntimas crateras e receosa de minha vulnerabilidade. E mais: sabendo que em meus sonhos as imagens translúcidas indicariam um único roteiro — o poço escuro, soterrado pelo medo, contendo mil tesouros de luxúria.*

*Rosário dormia entre demônios louros, o uísque que gotejava da garrafa em decúbito, meus amigos me acompanhavam calados ao regresso de mim mesma.”*

## Três poemas de Celina Ferreira

### RONDÓ MUITO LOUCO

Sabeis promessa de vento,  
viagens que não podeis.  
Sabeis a lua impossível  
e o corpo que não tereis.  
Ai, tivesse alguma espécie  
de tudo que me dareis!  
Ilha de Capri não tendes,  
então como prometeis?  
Anel de areia luzente,  
onde é que me encontrareis?  
Corpo de relva molhada  
por que não me inventareis?  
Mar de quanta coisa louca  
onde me enlouquecereis?  
Sabeis promessa de vento,  
Onde e quando cumprireis?

### BALADILHA SEM A QUEM DAR

Quem quiser me peça versos,  
que eu darei, seja quem for.  
Que não me peça alegria  
nem canções de muito amor.  
Quem quiser meus versos tristes  
eu darei, seja quem for.  
Não sei cantigas de riso,  
não sei cantares de amor.  
Por isso as minhas cantigas  
nunca tiveram senhor.  
Eu dou, sem mágoa, meus versos  
a quem quer, seja quem for.  
Eu reparto em cada verso  
um pouco da minha dor.  
Mas ninguém me pede versos,  
ah! se houvesse pedidor...  
Eu daria verso e mágoa  
a quem quer, seja quem for!

### CANÇÃO DE FAZER-DE-CONTA

Eu quisera ser bem clara  
como o dia transparente.  
Feito lírio, feito palma,  
feito fruto na semente.  
Eu quisera ser bem pura  
como a flor que ninguém sente.  
Faze-de-conta, me achaste  
como fui antigamente.  
Faze-de-conta, sou neve,  
brancura na tua mente.  
Faze-de-conta eu sou como  
me queres interiormente.  
Faze-de-conta, mas faze  
que aconteça de repente,  
que eu me torne branca, branca  
como tu me tens na mente.

# Carmina Bu(saga)rana

**M**aria do Carmo, a Carminha, é irmã de Celina Ferreira. Duas grandes e queridas poetas de Cataguases: morta, a segunda; a primeira, sumida. Aparecer/desaparecer parece hábito antigo da poeta Maria do Carmo Ferreira, como se vê por esta declaração de Décio Pignatari a este Suplemento Literário (n.º 57, de 5/3/2000): “Há mais de 30 anos entusiasmei-me e publiquei um poema dela na *Invenção*. Sempre gostei de seus poemas e fiquei esperando mais. Quando surgia um novo poema de Maria do Carmo, eu me interessava. Mas ela aparecia e desaparecia, brincando de esconde-esconde com a poesia e com o público. Cada palavra que escreve quer dizer alguma coisa. Ela tem um jeito moderno, forte e agressivo”.

O poema a que Décio se refere, “Meretrilho” – aqui reproduzido – era “da pá- virada”, um caótico suceder de chocantes palavras-valise em permanente atrito, e que fechava com o quarteto “moscamenisca / meningepúbia / vagipenísola / clitórisputa”. Uma coisa. Ao receber este poema de Carminha, ainda atônito, agradei com esta surrealista sextilha: “na dobra da manhã / o céu desanoitece / e o poeta se curva / rápido e agradece/palavras tão louças: / rubor de guarda-chuva”. Jogando habilmente com suas palavras-malabares, Carminha é uma poeta e tanto e, no entanto, e inexplicavelmente, inédita em livro.

Em 2000, ela abriu um “perfil de si mesma” com um poema-epígrafe: “Inteligência é duvidar que eu possa./ Inteligência – é o que lhe digo/ mas não transmito o mito a essa resposta”. E prossegue:

*“Maria do Carmo Ferreira, a Carminha, por ela mesma:*

*– Nasci em Cataguases, berço das artes e de grandes artistas, o que me envaidece. Aos 14 anos mudei-me com o restante da família para Belo Horizonte, onde completei meus estudos secundários e superiores (bacharel e licenciada em Letras, pela Universidade Federal de Minas Gerais), lecionei muito, amei, adoeci para morrer, mas fui salva pelo gongo.*

*Comecei a escrever poesia ainda menina, só comecei a publicar meus poemas na década de 60 (sou de 1938), em revistas de literatura e suplementos literários, sobretudo o SLMG onde permaneci como colaboradora quase que desde a sua fundação. Recentemente, deram-me vez e voz nesse órgão da Imprensa Oficial de MG, com entrevista, foto, depoimentos sobre o meu trabalho e dezenas de poemas inéditos e de traduções-criações (ver SLMG, n.º 57, março de 2000). Tenho traduzido sistematicamente Emily*

*Dickinson (uns 50 poemas), Neruda, Lorca, Prévert e mais esparsamente Mallarmé, Verlaine, Corbière, Laforgue, Yeats, e algumas poetas norte-americanas de minha preferência.*

*Estou com um livro de 125 poemas para sair já: Cave Carmen, um de traduções e quatro livrinhos infantis também inéditos: A flor que sofria de pensamento; O sacristão e a miss; Jogos florais & animais e O Delfim que não sabia morrer. Nas minhas mudanças, residi e trabalhei quatro anos em São Paulo e quatro anos abroad, entre Europa e Estados Unidos, onde lecionei no Colégio dos Graduados e fiz o mestrado em Literatura Comparada na mesma Universidade de Illinois.*

*Atualmente, aposentada da Rádio Ministério da Educação e Cultura, depois de 30 anos prestados como criadora, pesquisadora, tradutora, redatora e coordenadora de programas literários e lítero-musicais, como Técnica de Assuntos Culturais, voltei-me para a literatura com mais amor e muito mais confiança”.*

Em depoimento a este SLMG, no já citado n.º 57, dizia Maria do Carmo Ferreira: “Eu não me considero poeta propriamente dita, e não por continuar inédita em livro, já aos 60 anos de idade. É que o que escrevo é de tal forma intermitente, solitário e sem retorno que, o que acredito, não amadureceu por falta de contato/convivência e transfusão vital de outros valores”. Treze anos depois, Carminha continua inédita em livro, mas sua poesia – solitária e única – é de força tamanha que, absolutamente, não requer qualquer “contato ou convivência e/ou transfusão vital de outros valores”. O que quer que seja isso. A magnitude de seus poemas se impõe – e eles valem por si só.

Vejam alguns deles a seguir, enviados por sua amiga, a poeta Silvana Guimarães: pedras-de-toque, intensos “punti luminosi”. Em meados do ano 2000, após 20 anos de silêncio (não nos víamos desde quando éramos vizinhos no Bairro do Leme, Rio de Janeiro – e não mais nos vimos até hoje), houve intensa troca de emails entre nós. Poemails, a bem dizer. Grande poeta, grande tradutora, um talento imenso. Olhem só como ficou o Mallarmé do célebre *solitud, récif. Étoile* by Carminha: “solidão até – atol – estela”. Salut, “de porre mas de pé: tintim!”. Pura transcrição. Depois, ela trancou-se de novo em copas, ou em capas de *ypacará & never more* (soube que mora em Niterói, reclusa). Rosa, rosácea, carmin, where are you, *polly maggoo?* Onde? Onde anda, por que banda, ó Carmina Bu(saga)rana?

## DOIS POETAS

A experiência da poesia é hors-concours.

Do putativo poema ao pós-diadema  
gravita o sangue in-sano: açula o pus.

Vôo ao Discípulo de Emaús.  
Aterro no Poema Sujo. Meto o dedo no cujo:

espirra luz.

Sôo-me obesa. Assôo-me. O muco que acumulo é meu tu(mulo,or)?

O mundo, imundo como um livro de sebo.  
Mancebo: homo sapiens/sapor.

Navegar na poesia: reduzir, redundar...

Em Ferreira Gullar as nuvens nuvem.  
Murilo Mendes manda o luar luar.

Belo Horizonte, 1982

## MERETRILHO

MICHELALÚMIA

PROTIBULUTA

GLANDULAMULA

JEREBAGLÚTEA

POEMAS

DE

CLORIFURBANA

CLOACLORANTA

MARAFANCHONA

PLURALITANTA

EGUAERVOEIRA

CLEPSUICIDRA

PERONIAÔMIA

BISCAVOBISCA

MOSCAMENISCA

MENINGEPÚBIA

VAGIPENÍSOLA

CLITÓRISPUTA

## FAUNAFLOGESTA

MARIA

DO

CARMO

FERREIRA

mandágora  
teu corpo  
ágora

agorafobia  
meu corpo  
agora

minhalmaexplora  
maggamalgamas

teucorpoaflora  
minhanimalma

densa floresta  
devororosa

fálica festa  
em polvo'rosa

# TOTEM PANORAMA VISTO DO TEMPO

JOAQUIM BRANCO

**F**inal de 1961. Cataguases, uma cidadezinha no interior de Minas Gerais. O centro, as ruas principais, o entorno, alguns bairros não muito afastados, nada mais.

Havíamos terminado o curso científico no Colégio e víamos o mundo pela primeira vez longe da mira dos professores, com nossos próprios olhos, mas ainda perto dos pais.

A vida corria tranquila como se não nos pudesse decepcionar, perfeitamente prática, previsível; o estudo levaria ao topo de qualquer profissão. Os bons herdariam a terra.

Apenas algo no ar dizia que não era bem assim. Notícias de revoluções no Caribe — alertava o rádio. Disputas entre americanos e soviéticos, o perigo de bombas atômicas ao toque do telefone vermelho, o rock, o cinema francês, a Bossa Nova, a Poesia Concreta, o Cinema Novo de Glauber Rocha — esse o panorama do mundo no final dos 50 e início dos 60. No quintal da casa, jogávamos bola pela manhã e depois do almoço eu e meu irmão Pedro íamos cada um para um escritório onde eu trabalhava com um advogado e ele num Cartório, esperando o concurso para o Banco do Brasil que seria no meio do ano seguinte.

A chuva de verão passara e numa manhã de meados de novembro daquele 1961 chegaram nossos colegas para a reunião: Ronaldo Werneck, Plínio Filho, Célio Lacerda, Ernesto Guedes, Jorge de Oliveira, Carlos Sérgio Bittencourt, Aécio Flávio e meus irmãos Pedro e Aquiles. Aquele era o dia da preparação do jornal que tínhamos em mente e, a seguir, num mimeógrafo emprestado, rodaríamos as páginas e depois era certa a venda na praça, no domingo. Já havia a decisão sobre o título: me lembro de que eu dei a ideia para *O Muro*, inspirado no título de um livro de contos de Jean-Paul Sartre. Foi aprovado. Em algumas horas de trabalho estava tudo pronto, pois já tínhamos os poemas, crônicas, notícias, desenhos, previamente preparados. A venda não foi aquele sucesso, mas despertou interesse — e, principalmente, curiosidade — em algumas áreas. Era a nossa primeira publicação: independente, rebelde e ávida de resultados.

Só havia um jornal semanal na cidade, o *Cataguases*, órgão da Prefeitura, que não fugia de uma moldura conservadora, noticiava os atos oficiais, aniversários, casamentos, promoções, discursos de 7 de setembro e outros. Portanto, qualquer outro noticioso, mesmo que feito por jovens saídos do colégio, despertaria atenção. Não foi bem o que aconteceu, pois não houve a recepção popular que antevíamos. Ficou a experiência literária,

acrescida do aprendizado de algumas técnicas de diagramação e de exercício grupal.

Na linha de trabalhos publicados em *O Muro*, alguns textos se destacavam pela ousadia ou pelo caráter experimental, como este minipoema “Folclore nº 2 (ou O nascimento de um herói), de P. J. Ribeiro, sob o pseudônimo de Paulo Horta: “O índio falou: morri. / Cacique ordenou que não. / O índio nasceu das brumas frias da noite...”.

Tiramos onze números — o número zero, em dezembro de 1961 — e fechamos as portas em setembro de 1962, após um circuito puramente municipal. Neles escrevemos nossos poemas, contos, crônicas etc., e houve apenas uma recepção escrita, através de artigo no jornal *O Democrata*, que acabara de ser criado pelo poeta Francisco Marcelo Cabral, de geração anterior à nossa e por quem tínhamos/temos grande admiração. Dele já havíamos recebido dicas sobre literatura, arte e cultura em geral que nos foram essenciais. Na sua página 3, denominada de “Arte. Cultura”, o jornal estampava sob o título de “A) Os rapazes do *Muro*”:

*“De repente, Cataguases descobre que há outra vez um grupo de adolescentes preocupados com cultura, livros, cinema, artes. Um bando de meninos afeitos pelo demônio das letras, que resolveram mostrar que já sabiam, além de certas outras coisas, pensar e, ato contínuo, sujar papel com suas visões e revisões do velho e cansado mundo que terá de os suportar, como a nós. Muito bonito esse despertar, muito flor esplendente da Mata, mas aí vai uma lambada. Ao escolher um rótulo para seu movimento, ele surgiu impregnado de conotações que estamos dispostos a cobrar dos nossos jovens intelectuais, a menos que eles confessem que não são de nada.*

*Como, então, o Muro, sim senhores! Mas que é, para que serve um muro? Para cercar e proteger o reduto secreto onde a inteligência se resguarda do contágio com o mundo aqui de fora? Ou para encostar nele, contra ele, numa execução, mesmo retórica, os que podem ser identificados como responsáveis por um estado de coisas que é preciso mudar? Vocês, queiram ou não, saíram a protesto”.*

Vinha o poeta Marcelo Cabral a nos meter em brios, cobrando objetivos, participação, coerência, e sua voz, que a princípio fora tomada como meramente de oposição e crítica, era de crítica sim, mas positiva e chamava-nos a atenção para os caminhos que iríamos tomar dali para diante. Com o término de *O Muro*, acabara a fase inicial, bastante amadorística — por se tratar de uma publicação mimeografada, com pequena tiragem e em

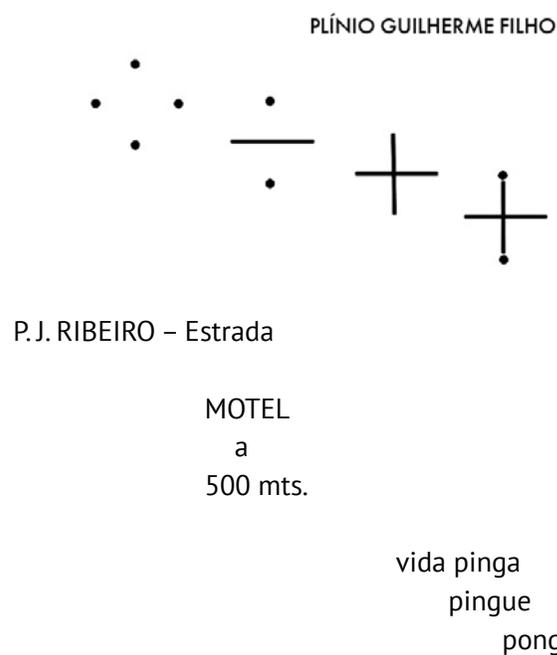
formato estudantil, mas onde registramos o começo de uma trajetória.

Esperamos cinco anos, não sem discussões e leituras, para nos lançar em uma aventura de maior alcance: um suplemento no jornal oficial da Prefeitura, o *Cataguases*, que intitulamos SLD – Suplemento/Literatura/Difusão, numa alusão mais provocadora ao público do que outra coisa.

O primeiro número do SLD teve seu lançamento no dia 16 de março de 1968 numa mansão na avenida principal da cidade, fechada havia muitos anos e conhecida como mal-assombrada, o que poderia despertar – como aconteceu – um grande interesse do público. Organizamos, para o evento, para o qual foram enviados centenas de convites, um coquetel e a “I Exposição de Poesia Concreta de Cataguases”, com poemas de Aquiles Branco, Ronaldo Werneck, Ivan Rocha, Plínio Guilherme Filho, Sebastião Carvalho, P. J. Ribeiro e meus. Talvez tenha sido a primeira mostra desse tipo na região da Zona da Mata mineira. Não tenho conhecimento de outra. O comparecimento foi maciço – a maioria dos homens de terno e gravata e as mulheres de longos – e o susto que tiveram não foi menor, pois as peças apresentadas mostravam uma forte radicalidade.

Mas nada disso impediu o sucesso do acontecimento incrementado pelo “não entendi, porém gostei”. A visualização dos poemas em enormes folhas de papel-cartaz com letras e signos coloridos expressando uma anti-discursividade desconhecida e agressiva para aquele público, naquele momento, empanou até o impacto do suplemento, que só iria ser lido em casa ou no dia seguinte, com mais calma. Tivemos também naquela noite um show com música popular num dos salões do casarão.

Reproduzo alguns poemas que fizeram parte dessa mostra, e que já naquele momento determinavam o grau de pesquisa para que nos voltávamos. No primeiro exemplo, em signos não-verbais, o poema dispõe-se na página semioticamente em quatro etapas; no segundo, as palavras se encontram como num duelo em que um conjunto se inverte para se contrapor ao outro em choque inevitável; e o último é fruto da transformação do anúncio de estrada em que o poeta incorpora o ‘erro’ gramatical (mts.) reproduzido e trabalhado para se tornar poema:



## FASES DO MOVIMENTO

Basicamente, o grupo Totem, denominação que se consolidou mais tarde, passou por três fases, que puderam ser determinadas pelas conquistas realizadas ao longo do tempo, no período que vai de 1961 ao final dos anos 70.

Na primeira fase, meio amadorística, marcada pela edição do jornal mimeografado *O Muro*, o grupo permaneceu mais restrito à cidade e às experiências com a Poesia Concreta e a Poesia Praxis, e eu acompanhava esses movimentos através da leitura de livros, jornais e suplementos que chegavam a Cataguases. O mais influente deles, e o melhor, era o SDJB – Suplemento Dominical do Jornal do Brasil, editado por Reinaldo Jardim e liderado pela figura catalisadora de Mário Faustino. Lembro-me de haver escrito cartas ao Reinaldo e ao Ferreira Gullar, sem resultados.

Numa fase seguinte, criamos o suplemento SLD, ligado ao jornal *Cataguases*, com o qual ampliamos nosso quadro de participantes: Adolfo Paulino, José Lucas Ferraz, Sebastião Carvalho, Ivan Rocha, Arabela Amarante, Licy Delfim Vieira e outros. Ligada agora à Fafic-Faculdade de Filosofia e Letras de Cataguases, tivemos um acréscimo importante: a poeta Márcia Carrano, que se incorporou ao grupo com a criação do jornal *Totem*, que pertence à 3ª fase do movimento, a consolidadora por assim dizer.

Tivemos êxito em nossa busca de intercâmbio com Assis Brasil, Affonso Romano de Sant’Anna,

Francisco Marcelo Cabral e o pessoal do Poema-Processo – Wladimir Dias-Pino, Álvaro e Neide Sá e Moacy Cirne –, no Rio; Murilo Rubião, Affonso Ávila, Laís Corrêa de Araújo, José Afrânio Duarte, em Belo Horizonte. E com grupos semelhantes ao nosso que começavam a se formar principalmente no interior do país. Em Minas, estava a maioria: o “Agora”, em Divinópolis, com Fernando Teixeira, Lázaro Barreto, Fernando Rubinger, Osvaldo André de Melo; Em Guaxupé, Sebastião Resende e Elias José; em Oliveira, o “Vix”, com Márcio Almeida e seus companheiros; em Poços de Caldas, Hugo Pontes, Omar Pereira e José Asdrúbal; em Belo Horizonte, Henry Correa de Araújo e Tião Nunes; em Juiz de Fora, a equipe “D’Lira”; em Manaus, Adrino Aragão; em Natal, Falves Silva, Anchieta Fernandes, Dailor Varela; em Campina Grande, José Neumann Pinto; em Recife, Paulo Bruscky, Leonard F. Duch. Todos esses jovens escritores trabalhavam em equipe, mantinham pequenos jornais para publicar seus textos e a troca de poemas e publicações foi inevitável. Começava a se construir uma grande teia com representantes em quase todo o país para formar o que se denominou mais tarde a “Imprensa Nanica”, também chamada “Alternativa”.

No lado político, o Brasil e outros países da América Latina passavam por ditaduras que se encarregavam de criar um clima tão hostil quanto, por outro lado, instigante à expansão de novas e contrárias ideias que fizeram um contraponto ao seu efeito arrasador contra a cultura, a arte e a sociedade. Tivemos, por volta de 1968, um recrudescimento da situação nacional com a edição do AI-5 (Ato Institucional), que tentou calar de vez as cabeças pensantes do país.

Foi quando surgiu a resposta de grupos de ação política com assaltos e sequestros e, nas artes, com o Tropicalismo, o Poema-Processo, a Arte Postal e outros movimentos mais ligados ao *Underground* e ao *Pop*.

Um meio de comunicação foi encontrado pelos integrantes do Poema-Processo, que tornou mais efetiva a ligação entre os artistas: o cartão-poema, “fabricado” pelo próprio poeta com o material ao seu alcance e sem passar por qualquer tipo de gráfica ou pelos jornais e revistas da grande imprensa, o que significava fugir da obstrução da censura. Essa providência reduziu os preços, tornou cada cartão um objeto único, mas fácil de ser produzido.

Entrou em cena uma batalha artística, alimentada pela criatividade individual e auxiliada por novas máquinas de reprodução xerográfica e por carimbos. Estava em curso o movimento do Poema-Processo que reuniu dezenas de poetas formando pequenos núcleos pela primeira vez em todos os estados do Brasil. O movimento havia se iniciado no Rio de Janeiro com Wladimir Dias Pino, Moacyr Cirne, Álvaro e Neide Sá e em Natal, com Anchieta Fernandes, Dailor Varela e outros. Após o lançamento no Rio e em Natal concomitantemente, estendeu-se o movimento a Minas (Cataguases, depois Pirapora, Divinópolis, Belo Horizonte, Poços de Caldas, Oliveira) e passamos a tomar parte em inúmeras exposições de poemas no país e no exterior.

No início da década de 1970, com a instauração da Arte Postal, iniciada em Recife por Paulo Bruscky e Daniel Santiago, já estabelecida uma extensa rede de contatos, tornou-se relativamente fácil a disseminação do novo movimento, que ampliou o uso dos mais diferentes materiais, além do xerox e dos carimbos, pois agora acrescentavam-se as tintas plásticas e os objetos de uso cotidiano, como barbantes, grampos, alfinetes, elásticos, esparadrapos, fitas adesivas, fósforos etc.

O Correio foi fundamental na veiculação dos poemas, intensificando os contatos e facilitando a acessibilidade, e, através dele, chegavam os convites para exposições e antologias internacionais de Arte Postal, organizadas por museus e casas de cultura espalhadas pela Europa. Os poetas latino-americanos usavam o próprio Sistema – uma instituição como os Correios – para combatê-lo. Nos Estados Unidos, o movimento estava mais ligado às universidades.

A participação brasileira e de outros países hispano-americanos – como a Argentina, Uruguai, Venezuela, Chile, México – dali em diante foi primordial, pois os poemas originários desses países traziam a marca da pobreza e da simplicidade do material, além da habilidade do poeta em lidar com ele e dali tirar efeitos inusitados. Enquanto os cartões europeus eram impressos em papel de primeira qualidade, em *off-set* e multicoloridos, os nossos tinham características artesanais e estratégicas, uma temática crítica voltada para o social e o político, além da marca do autor e do país de origem. Um exemplo ilustrativo do lado político das temáticas e do

improvisado que presidia a confecção dos poemas é o “Realidade”, de Marcelo Dolabela, de 1978, de aguda percepção do real, em que a palavra é desnuclearizada para se remontar criativamente:



O “Poemarfim” (1968), de Ronaldo Werneck, exemplifica a tendência concretista da primeira fase do grupo de Cataguases. A “torre de marfim” sai da teoria para a praxis, e acaba agregando outros elementos, para se completar como uma produção poética de seu tempo:

POEMARFIM / Ronaldo Werneck

	torre	
	ente	
	cor	
	ente	
	mar	
	mar	
	fim	
torre	de	marfim
torrente	de	ar
cor	ente	mar
	fim	

“Musa & Cia.”, de Fernando Abritta, é uma versão político-pop do mitológico incorporado ao consumismo, em um poema em cartão.



O poema curto e o miniconto também são bastante utilizados por componentes da equipe, especialmente nos poemas sem título de Márcia Carrano (do livro *Vento leve*) e de P. J. Ribeiro (dos muitos livros que vem publicando). Como nos exemplos a seguir:

“acorde, Pai!  
‘onde estás que’  
adormece  
mais que Bela Adormecida?”  
(Márcia Carrano)

“ando pelas ruas  
e são nuas:  
meus olhos as despem do cimento  
de hoje  
e  
veem o pau-a-pique  
de antes.”  
(Márcia Carrano)

LOTERIA  
P. J. Ribeiro

Se  
eu ganhar na loteria  
te levo  
pra mostrar minha poesia.

ILHAS  
P. J. Ribeiro

Pegamos o barco, ligamos o motor,  
zarpamos pras ilhas  
do coração.

JOAQUIM BRANCO

é poeta e Doutor em Letras pela UERJ. Participou de inúmeras antologias no Brasil e no exterior e atuou nos movimentos da Poesia Concreta, Poema-Processo, Arte Postal e outros. Tem vários livros editados, entre crítica, ensaio e poesia.

# O UNIVERSO PROVISÓRIO DA FICÇÃO DE LUIZ RUFFATO

MARCOS VINICIUS  
FERREIRA DE OLIVEIRA

O escritor Luiz Ruffato nasceu em 1961, na cidade de Cataguases, Zona da Mata de Minas Gerais. Filho de um pipoqueiro e de uma dona-de-casa, ambos semianalfabetos, vem se transformando num dos ficcionistas de maior relevo no panorama contemporâneo da literatura brasileira. Um dos raros escritores a se debruçar sobre o universo da classe média baixa do Brasil, uma massa difusa que oscila entre frustradas projeções e sonhos ruídos de ascensão social. Mas, não pense o leitor que Ruffato a vê de fora, tomando pela superfície os seus sintomas mais visíveis. É de dentro, das entranhas dessa gente que vêm as suas histórias. Para contá-las, precisou elaborar forma e linguagem que não soassem deslocadas do conteúdo, que não pasteurizassem seus relatos cortantes, incisivos, que avançam alma adentro, desenterrando mágoas, remorsos, pequenas alegrias, desconfortos, enfim, que afastassem para muito distante a literatice de comisseração.

Antes, porém, de adentrarmos ao seu universo ficcional, façamos breve incursão pela sua própria história. Desse modo, acreditamos, compreenderemos melhor a natureza das suas obsessões literárias.

Ruffato é o mais novo dos três filhos de Seu Sebastião – filho de imigrantes portugueses, órfão de pai e mãe aos dois anos – e de Dona Geni – filha de imigrantes italianos que foram parar numa colônia no interior de Minas Gerais, na região de Rodeiro –, ambos já falecidos. Ele mesmo conta que o pai era o “segundo melhor pipoqueiro de Cataguases”, pois o seu ponto ficava mais distante da praça na qual está o cinema. Portanto, o concorrente levava sempre a vantagem de atender a uma demanda mais significativa, a plateia dos filmes, muito numerosa antes do advento das videolocadoras e da internet. Até os 12 anos era trabalhando com o pai que o futuro escritor passava a maior parte do tempo. Além disto, entregava as trouxas de roupa que a mãe lavava e passava, e já havia sido caixeiro em um botequim. Nos planos da família, Ruffato seguiria o mesmo trajeto da quase totalidade dos moradores do seu bairro, ou seja, seria operário. Um convite de um cliente do pai para que o menino estudasse no mais prestigiado colégio local mudou os planos. Ruffato foi estudar no Colégio Cataguases, prédio projetado por Oscar Niemeyer, no qual os filhos da “elite” local se preparavam para escapar do destino que parecia irremediável a ele. Inadaptado ao novo ambiente passou o ano inteiro refugiado na vazia biblioteca, onde a bibliotecária começou a lhe dar livros para ler. Segundo ele mesmo: “Passei a dizer para todo mundo, sem saber

exatamente o que significava isso, que queria ser escritor”. Obviamente, a família não viu com entusiasmo a ideia. Voltando ao seu antigo colégio, o Ginásio Antônio Amaro, estudava à noite e trabalhava de dia como balconista de armarinho, depois, como operário têxtil. Entrou para o SENAI, estudou tornearia mecânica e com 17 anos resolveu cortar os laços com a sua cidade natal. As greves no ABC paulista estavam dificultando o fluxo de trabalhadores para a região. Ruffato foi então para a mineira Juiz de Fora, onde trabalhou como torneiro-mecânico enquanto fazia cursinho para o vestibular da UFJF. Entrou no Curso de Comunicação Social, tomou contato com a militância política e intelectual universitária. Foi então que se lançou pela primeira vez no sonho de se tornar, de fato, escritor. Em 1979, publicou *O Homem que tece*, edição bancada por amigos, rodada em *offset* e vendida de mão em mão. Depois de formado, foi para São Paulo. Sua primeira casa na capital paulista foi a Rodoviária do Tietê. Dormiu lá até conseguir um emprego que desse para alugar um quarto.

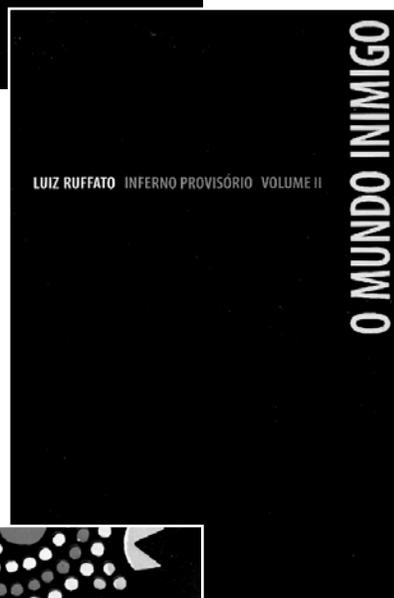
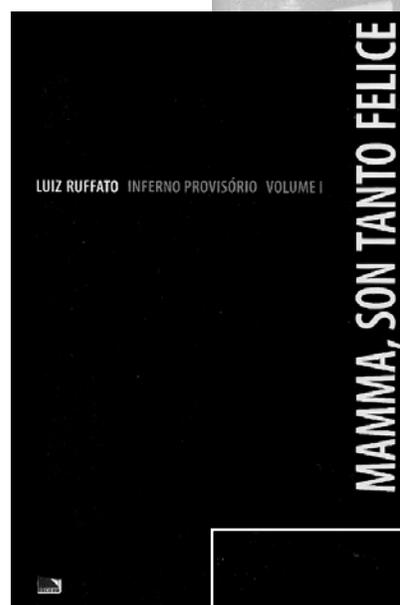
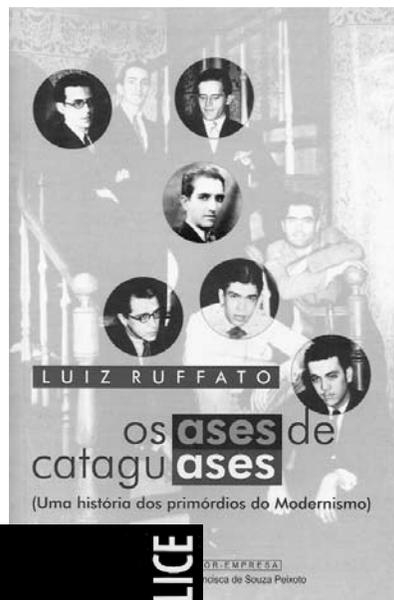
Durante 10 anos, Ruffato ficou remoendo suas experiências e travando novas batalhas. Seu irmão José Célio, que começava uma bem-sucedida carreira como mestre-geral numa das tecelagens da cidade, morreu aos 26 anos num estúpido acidente com a rede elétrica. Sua irmã deixou a fábrica de tecidos para casar. Seus pais permaneceram na labuta em Cataguases. Dona Geni faleceu em 2001 e Seu Sebastião, em 2003. Já como jornalista do *Jornal da Tarde*, em São Paulo, Ruffato lançou, em 1998, a coletânea de contos *Histórias de remorsos e rancores* e, em 2000, veio (*os sobreviventes*). As duas coletâneas publicadas pela Editora Boitempo. Mesmo premiado, o escritor ainda não se sentia satisfeito com a forma da sua literatura. Embora tivesse encontrado seus personagens, modulado os tons de seu universo, descoberto seus interesses, percebia que precisava de algo mais próximo do seu modo de conceber o formato que desejava para suas narrativas.

Em 2001, apareceu *Eles eram muitos cavalos*, pelo qual recebeu os prêmios Machado de Assis e APCA (Associação Paulista de Críticos de Arte), além de lhe proporcionar reconhecimento como escritor. Um livro feito de fragmentos. Uma história que se passa num único dia. O primeiro livro de Ruffato ambientado em São Paulo. Um mosaico de personagens anônimos. Um desconcertante panorama do desenraizamento e da dessubjetivação do homem na metrópole. Todas essas coisas foram ditas sobre o livro. No entanto, para Luiz Ruffato, *Eles eram muitos cavalos* representava o ponto de chegada do sujeito que sofreu com as “sentenças” da

história brasileira. Uma história em que muitos “perderam” e poucos ganharam. Uma história na qual o espetáculo da *modernização* foi assistido por muitos e beneficiou a bem poucos. Era a hora, portanto, de se “investigar” o modo como “chegamos até aqui”.

Com o sucesso literário, *Eles eram muitos cavalos* foi comprado pela Editora Record, que passou a ser a sua nova casa editorial. Ruffato decidiu enterrar as duas coletâneas de contos e reaproveitar algumas das suas histórias no ambicioso projeto literário de representar algumas das nuances mais dramáticas dos processos da *modernização* brasileira, discutindo a formação e evolução da sociedade a partir da década de 1950, quando tem início a profunda mudança do nosso perfil socioeconômico, de um modelo agrário, conservador e semifeudal para uma urbanização desenfreada, desarticuladora e pós-industrial, e suas consequências na desagregação do indivíduo. Ou seja, pulamos da roça para a periferia decadente urbana sem escalas. Começaram a surgir, a partir de 2005, os cinco volumes de *Inferno Provisório*. Essas narrativas são compostas de várias unidades compreensíveis se lidas separadamente, mas funcionalmente interligadas, já que se desdobram e se explicam e se espraiam umas nas outras, numa ainda precária transposição da hipertextualidade. Então, pode-se ler de trás para frente, pedaços autônomos ou na ordem que se quiser.

O primeiro volume, *Mamma son tanto Felice* (2005) observa com certo distanciamento uma comunidade povoada por imigrantes e descendentes de italianos. O “estranhamento” na adaptação à nova terra, as regras de uma sociabilidade marcada pela violência perpassam os dramas de personagens que serão retomadas ou ressurgirão espectrais no segundo volume, intitulado *O mundo inimigo* (2005). Neste, a cidade de Cataguases já surge como cenário predominante e os antigos ocupantes das pequenas propriedades rurais vão metamorfosear-se no operário, na mão-de-obra abundante e descartável, que vai mover os teares das fábricas de tecidos ou vai engrossar as fileiras dos que padecem à margem do restrito mercado de trabalho, garantindo o seu sustento sob o jugo das simpatias e antipatias dos poderosos e dos seus



favores. Com o terceiro volume, *Vista parcial da noite* (2006), a cidade oferece às personagens o aprofundamento no Beco do Zé Pinto, um cortiço microcômico das desilusões e dos efeitos colaterais da migração em busca de “melhorar de vida”. O quarto volume, *O Livro das impossibilidades* (2008) avança na constatação da inviabilidade de uma vida digna para os que vivem à margem dos círculos das elites em Cataguases. São Paulo parece ser um destino atraente. Mas, led e cego engano, as personagens carregam para onde vão a sua natureza já de todo arruinada. O círculo se completa com as personagens agora fixadas em São Paulo. Longe das suas origens, não se encontram neste novo cenário e o périplo triste deságua em *flashbacks* que embaralham referenciais tão distintos quanto corantes. Em *Domingos sem Deus* (2011), vemos que o estrangulamento social e o peso do passado cobram seus impiedosos tributos àqueles que ousam tentar subverter seus desígnios.

Premiado com o Jabuti em 2006, Luiz Ruffato publicou o volume de poemas *As máscaras singulares* (2002), pela Boitempo. Publicou ainda os romances *De mim já nem se lembra* (2007), pela Editora Moderna, cuja história, construída a partir de cartas escritas pelo irmão do narrador e que são encontradas após a sua morte, funde aspectos ficcionais e autobiográficos. E *Estive em Lisboa e lembrei de você* (2009), pela Companhia das Letras, que faz parte da Coleção Amores Expressos. Ruffato tem se dedicado a preparar antologias com textos de novos escritores e a organizar volumes temáticos. Lê-lo é sempre uma experiência singular. Sua literatura compromete-se com a necessidade de fazer saltar aos olhos do leitor o universo daqueles que a história nacional faz questão de rasurar quando se dedica a exaltar os feitos grandes dos seus homens.

#### MARCOS VINICIUS FERREIRA DE OLIVEIRA

é poeta e escritor. Livros publicados: *Sobre o silêncio* (Poemas, Fundação Cultural Ormeo Junqueira Botelho, Cataguases, 1997); *uma ou outra forma de tirania* (Contos, Editora 7Letras, Rio, 2006); *E se estivesse escuro?* (romance, Editora 7Letras, Rio, 2011).

# SUPLEMENTO



Capa: *Violeta* – Sonia Ebling

**Governador do Estado de Minas Gerais**  
**Secretária de Estado de Cultura**  
**Diretor-geral da Imprensa Oficial de Minas Gerais**  
**Superintendente do SLMG**  
**Diretor de Apoio Técnico**  
**Diretor de Articulação e Promoção Literária**  
**Agência**  
**Projeto Gráfico e Direção de Arte**  
**Conselho Editorial**

**Equipe de Apoio**

**Jornalista Responsável**

Antonio Augusto Junho Anastasia

Eliane Parreiras

Eugênio Ferraz

Jaime Prado Gouvêa

Marcelo Miranda

João Pombo Barile

Traço Leal

Plínio Fernandes

Humberto Werneck, Sebastião Nunes, Eneida Maria de Souza,

Carlos Wolney Soares, Fabrício Marques

Elizabeth Neves, Aparecida Barbosa, Ana Maria Leite Pereira,

André Luiz Martins dos Santos, Flávia Ariane Nunes (estagiária)

Marcelo Miranda – JP 66716 MG

**Textos assinados são de  
responsabilidade dos autores**

Suplemento Literário de Minas Gerais

Av. João Pinheiro, 342 – Anexo

30130-180 – Belo Horizonte, MG

Fone/Fax: 31 3269 1143

suplemento@cultura.mg.gov.br





# Cataguases

a Carlos Drummond de Andrade

Nem Belo Horizonte, colcha de retalhos iguais,  
 cidade européia de ruas retas, árvores certas,  
 casas simétricas,  
 crepúsculos bonitos, sempre bonitos;  
 nem Juiz de Fora: ruído. Rumor.  
 Apitos. Klaxons.  
 Cidade inglesa de céu esfumaçado, cheio de chaminés negras:  
 nem Ouro Preto, cidade morta,  
 Bruges sem Rodenbach,  
 onde estudantes passadistas continuam a tradição das coisas que já  
 esquecemos;  
 nem Sabará, cidade relíquia, onde não se pode tocar  
 para não desmanchar o passado arrumadinho;  
 nem Estrela do Sul, a sonhar com tesouros,  
 tesouros nos cascalhos extintos de seu rio barrento;  
 nem Uberaba, nem, nem, cidades arrrivistas, de gente que pretende ficar;  
 Não! Cataguases... Há coisa mais bela e serena oculta nos teus flancos.  
 Nas tuas ruas brinca a inconsciência das cidades  
 que nunca foram, que não cuidam ser.  
 Não sabes, não sei, ninguém compreenderá, jamais, o que desejas, o que serás.  
 Não és do futuro, não és do passado; não tens idade.  
 Só sei que és  
 a mais mineira cidade de Minas Gerais.  
 Nem geometria, nem estilo europeu, nem invasão americana de platibandas,  
 nem bangalôs dernier-cri.  
 Tuas casas são largas casas mineiras feitas na previsão de muitos hóspedes.  
 Não há em ti o terror das cidades plantadas na mata virgem  
 nem o ramerrão dos bondes atrasados cheios de gente apressada.  
 Nem os dísticos de “aqui estive”, “aqui aconteceu”.  
 Nem o tintim áspero dos padeiros.  
 Nem a buzina incômoda dos tintureiros.  
 Teus leiteiros ainda levam o leite em burricos.  
 Os padeiros deixam o pão às janelas (cidade mineira).  
 Teu amanhecer é suave.  
 Que alegria de só ter gente conhecida, faz teu habitante voltar-se para  
 cumprimentar todos que passam.

Delícia de não encontrar estrangeiros de olhar agudo,  
 esperto, mau, a suspeitar riquezas nas terras.  
 Alegria dos fordes, brincando (são dois) na praça.  
 (Depois vão dormir juntinhos numa só garagem).  
 Jacaré!  
 João Arara!  
 João Gostoso!  
 Teus tipos populares.  
 A criançada atira-lhes pedras e eles se voltam imprecando  
 Rondas alegres de meninas nas ruas, às tardes, sem perigo de veículos.  
 Papagaios que se embaraçam nos fios de luz, balões que sobem,  
 foguetes obrigatórios nas festas da chegada do chefe político.  
 Jardins onde meninas ariscas passeiam meia hora só antes do cinema.  
 Ar morno e sensual de voluptuosidade gostosa que vibra  
 nas tuas tardes chuvosas, quando as goteiras pingam nos passantes  
 e batem isócronas nos passeios furados.  
 Há em ti a delícia da vida que passa porque vale a pena passar,  
 que passa sem dar por isso, sem supor que se vai transformando.  
 Em ti se dorme tranqüilo, sem guardas-noturnos.  
 Mas com o cricri dos grilhos,  
 o ranram dos sapos.  
 O sono é tranqüilo como o de uma criança de colo.  
 Vale a pena viver em ti.  
 Nem inquietude.  
 Nem peso inútil de recordações,  
 mas a confiança que nasce das coisas que não mudam bruscas,  
 nem ficam eternas.

(1927)

ASCÂNIO LOPES (1906-1929)

era mineiro de Ubá, mas se tornou cataguasense com poucos meses de idade. Integrante do grupo Verde, foi um dos maiores nomes do Modernismo. A ilustração é uma intervenção de Dounê Spínola sobre foto do poeta e da antiga Cataguases.